

LUGARES imperdíveis



LANÇAR

ISA
PROSPERO



FETIÇOS

LUGARES IMPERDÍVEIS PARA CONHECER PESSOAS E LANÇAR FEITIÇOS

Isa Prospero

1ª EDIÇÃO
2022

DAME 
BLANCHE

Copyright © 2022, Dame Blanche, Isa Prospero

EDIÇÃO
Anna Martino

REVISÃO E PREPARAÇÃO
Sol Coelho

CAPA
Germana Viana

PRODUÇÃO DO E-BOOK
André Caniato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prospero, Isa

Lugares imperdíveis para conhecer pessoas e lançar feitiços [livro eletrônico] / Isa Prospero. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Dame Blanche, 2022.

ePub.

ISBN 978-65-87759-17-3

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD-B869.3
22-128597

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados

Sumário.

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre Isa Prospero](#)

1.

Era uma vez um homem muito poderoso, em muitos sentidos. Em outros, era um homem muito pequeno. Muitas vezes as duas coisas são verdade sobre a mesma pessoa.

Poeira — como tinha poeira naquela casa! Luiza olhou ao redor com desespero. As partículas dançavam nas réstias de sol que se infiltravam pelas cortinas, cobriam a mesa numa camada espessa o suficiente para desenhar no topo, e tinham transformado a manta do sofá, que nenhum deles tinha pensado em levar embora, em uma armadilha mortal para uma vítima com rinite.

Rogério espirrou e fechou a porta da frente.

— Rapaz — comentou ele, sucinto.

Luiza afastou as cortinas e algumas teias de aranha, e então abriu a janela para o jardim. A grama e as flores tinham crescido a seu bel-prazer desde que foram abandonadas. Pelo visto as plantas, ao contrário das pessoas, floresciam mesmo sem atenção.

— Rogério — ela chamou o irmão, que tinha encontrado o controle da TV enterrado no vão do sofá —, espero que você não esteja nem sonhando em ver jogo enquanto eu faço faxina.

Rogério olhou para ela como se quisesse apontar que, em geral, era *Luiza* quem se esquivava das tarefas

domésticas, mas algo na expressão dela o fez só resmungar alguma coisa baixinho. Pelo menos a autoridade de irmã mais velha ainda valia de alguma coisa.

— Vou ligar a geladeira e dar uma arrumada na cozinha — ele disse. — Melhor você começar lá em cima, né?

Luiza assentiu. Se não quisesse ouvi-lo espirrando a noite toda, seria melhor arejar o quarto dele.

O irmão foi virar para o corredor, mas parou e olhou para ela.

— Você leva suas coisas?

— Pode deixar.

As malas e bolsas que continham os últimos quinze anos da vida dela estavam encostadas ao lado da porta, parecendo poucas e pequenas. Luiza equilibrou tudo nos braços e começou a subir as escadas.

A casa era grande — quase um palácio, comparada com o apartamento dela ou o de Rogério em São Paulo. Tinha sido construída pelo avô paterno deles, numa época em que São Judas Tadeu dos Milagres era ainda menor do que na atualidade. O pai tinha morado ali até ir estudar no Rio de Janeiro, de onde voltara com a futura esposa. *Ela*, por sua vez, tinha ficado ali até a morte do marido — e a sua própria morte, vinte anos depois.

Agora a casa estava vazia.

Não mais, pensou Luiza, desolada. *Agora eu estou aqui.*

Soltou as malas no corredor e seguiu em frente.

O quarto de Rogério ainda tinha pôsteres de anime nas paredes e adesivos na janela. Uma bola de futebol murcha estava encostada ao pé da cama e um edredom cobria a cama. Quando vieram para o enterro, não pensaram que ficariam tanto tempo longe e não se deram ao trabalho de organizar as coisas — mas então veio a pandemia, e os dois acabaram ficando mais de um ano sem pisar ali. Ela abriu a

janela e foi para o quarto seguinte, ignorando terminantemente a porta ao final do corredor.

Entrar no seu quarto era como pisar de volta na adolescência. Depois que se mudou, nunca parou para organizar o cômodo. Ainda havia folhas de caderno com letras de bandas emo manuscritas coladas nas paredes, CDs entulhando as estantes e livros que ela não tinha se dado ao trabalho de levar embora. As gavetas da escrivaninha estariam cheias de materiais do tempo de escola; o guarda-roupa, entulhado com brinquedos da infância.

Quando levou as malas para dentro, o quarto pareceu pequeno — estreito demais para conter dois estágios da vida. O passado teria que ir embora, se ela quisesse ter espaço para o futuro.

E se eu quiser fazer isso parecer o quarto de uma adulta, acrescentou. Embolou a roupa de cama dos dois quartos e desceu de novo para enfiá-las na máquina e pegar os itens de limpeza. Rogério estava alegremente cantando um sertanejo que explodia do celular enquanto lavava a cozinha. Ela ficou feliz pelo barulho, que fazia a casa parecer cheia de vida, e tentou não lembrar que ele iria embora no dia seguinte.

Cerca de uma hora depois, ele a encontrou arrancando páginas dos seus cadernos do ensino médio para reciclar.

— Não tinha umas coisas na sua parede?

— Não sei do que você está falando — ela disse, rasgando um punhado de folhas com violência desnecessária. — É o seu quarto que tem um Naruto gigante.

— Eu jurava que tinha! Bom, terminei lá embaixo. — Ele fez uma pausa. — Você... não acha que é melhor a gente ver o da mãe?

Luiza abriu a boca para recusar, aí parou. Se não entrassem lá agora, ela teria que fazer isso sozinha uma

hora ou outra.

— É. Vamos acabar logo com isso.

No final do corredor, os dois abriram a porta em um silêncio tenso — ou talvez Luiza estivesse imaginando a tensão, porque Rogério entrou sem cerimônia no antigo quarto de casal. O colchão estava nu, mas os porta-retratos sobre a mesa e o conteúdo das estantes continuavam ali. O guarda-roupa estaria quase vazio: logo após o enterro eles tinham doado a maioria das roupas para uma vizinha que promovia um brechó beneficente.

Luiza engoliu em seco e tentou dissipar o desconforto com uma risada.

— Lembra quando a gente entrou nesse guarda-roupa?

— Não... só lembro quando você me trancou no armário da TV, lá embaixo.

— Bons tempos — suspirou ela.

— Pra quem?

Luiza abriu as portas do móvel.

— Acho que você era pequeno demais para lembrar... eu ainda te carregava nos braços. A gente quebrou alguma coisa e veio se esconder aqui. A mãe ficou doida quando nos achou. Nunca vi ela tão brava.

Tinha sido um pouco depois da morte do pai; a mãe se desculpara mais tarde, dizendo que só tinha ficado com medo quando não os achou. Agora, Luiza se maravilhou que os dois tivessem cabido ali: mesmo sem as roupas, o armário estava completamente entulhado com cobertores, caixas e outros objetos acumulados ao longo dos anos.

— A gente não deve ter ficado nem dez minutos aqui — disse ela.

— Bom, você nunca aguentou ficar muito tempo no armário.

— Rogério...

— Não está mais aqui quem falou. — Ele tirou uma pilha de caixas de sapatos cheia de bugigangas e pastas com documentos do hospital de São Judas Tadeu, onde a mãe tinha trabalhado como enfermeira a vida toda. Depois abriu uma gaveta e deu uma fuçada rápida nos itens: pedaços de renda, agulhas de costura, carregadores velhos. — Vixe, quanta coisa — falou, mas então franziu a testa. Fechou a gaveta. Olhou-a de fora. Abriu-a de novo. — Espera.

— Que foi?

— Essa gaveta tem um fundo falso.

— Quê?

Ele tirou os itens de dentro e os pôs com cuidado na cama, apontando para gaveta aberta e fazendo Luiza se afastar para vê-la de fora. Ela entendeu o que ele queria dizer: a altura do interior era menor do que a altura da gaveta em si.

— Pode ser só o estilo do móvel — sugeriu ela.

Mas ele já estava abrindo a gaveta ao lado, que era nitidamente mais funda. Luiza fez uma careta.

— Por que caralhos você sabe identificar uma gaveta falsa?

— Vi num programa de reforma de casas! — respondeu Rogério, empolgado, tirando a gaveta e girando-a nas mãos grandes. Poucos segundos depois, soltou um “a-há!” e apontou uma linha dividindo a madeira. Apalpou o fundo e deu uns tapinhas. — Eles fizeram isso no programa também. Acho que, se eu socar aqui, ela abre.

Luiza agarrou o pulso dele.

— Não faz isso!

— Por que não?

— Quem que tem uma *gaveta falsa* no próprio armário, Rogério? Só gente querendo esconder evidências de crime!

— Mamãe não escondia evidências — protestou Rogério. — Você precisa parar de ouvir aqueles podcasts de

assassinato.

— Essa casa é antiga, isso aqui pode ter uns cem anos! Vai saber o que os velhos escondiam!

— Agora que eu vou ter que abrir — queixou-se Rogério.

— Senão vou ter pesadelos.

— Bom, eu não quero nem ver — ela disse, mas não se mexeu.

Rogério recuou o braço, tensionou os músculos e deu um soco tão forte no fundo da gaveta que Luiza deu um pulinho.

Mas não conseguiu conter a curiosidade e se aproximou. O fundo tinha se deslocado mesmo, e ele estendeu a gaveta para ela cuidar da tarefa mais delicada de remover o topo sem estragar o que quer que houvesse por baixo. Ela a pôs sobre a cama e eles se inclinaram juntos.

Não havia facas ensanguentadas nem restos de cadáveres. Em vez disso, descobriram papéis: cartas, fotos, cartões-postais. Pareciam ser recordações da mãe no Rio de Janeiro e em São Judas Tadeu. Encontraram fotos dos pais na faculdade com amigos e ali na cidade também. Havia uma foto numa loja atulhada que parecia um antiquário; a mãe sorria ao lado de uma mulher bonita. Nada suspeito. Luiza começou a se acalmar.

E então Rogério pescou uma foto dos pais deles com vinte e poucos anos. Estavam na cachoeirinha da cidade, usando roupas de banho.

— Quem será que tirou isso? — perguntou ele.

A resposta veio com outra foto, obviamente tirada no mesmo dia, mostrando a mãe ao lado de outro cara. Ele parecia mais velho: era um homem bonito na faixa dos trinta, com cabelo preto, pele clara e feições impactantes — angulares e atraentes. Luiza sentiu um leve arrepio: os olhos escuros do homem pareciam olhá-la através da foto. Ao contrário daquela com o pai, a mãe mantinha uma

distância de alguns centímetros do sujeito, embora ele envolvesse sua cintura com o braço. O sorriso dela parecia levemente tenso e os lábios do desconhecido estavam torcidos em algo que não chegava a ser um sorriso. Uma terceira foto mostrava o cara sozinho na pedra, virado de perfil.

Luiza tinha certeza de que jamais o vira, em nenhuma outra foto ou pela cidade.

— Ei, olha isso — disse Rogério. Ela largou a foto do desconhecido e pegou a carta que ele tinha tirado de um envelope. — É do Zé lá do boteco, agradecendo a mãe por salvar a vida dele. Isso tem uns vinte anos.

Outras cartas pareciam ter o mesmo teor e ela reconheceu o nome de algumas pessoas da cidade. Também não era surpresa; o pessoal de lá era muito agradecido pelos serviços dela. Mas por que a mãe guardaria aquilo numa gaveta falsa?

— Isso aqui é diferente — ela disse, pegando outro envelope. O endereço era do Rio de Janeiro e o remetente assinava como Carlos Eduardo Reis. A carta dizia apenas:

Madalena,

Precisamos conversar. Nunca reclamei do que você fez, mas as circunstâncias mudaram. Venha pra cá o quanto antes e traga o item. Espero sua confirmação. Segue abaixo meu telefone.

C.E.

Ela e Rogério se entreolharam em leve desconforto.

— Você já ouviu falar de...? — começou ele.

— Nunca. — Ela deixou a carta na cama. — Pode ser um ex dela?

— O que será que ele queria que ela trouxesse?

— Tem outras aqui dele também — ela disse, pegando outro envelope. Este nem trazia o nome da mãe ou qualquer cumprimento, começando simplesmente com:

Não interessa como consegui seu endereço. Acha que não tenho contatos?

Você se acha muito especial, mas não seria nada sem mim. Tem uma dívida comigo e acredite: eu vou cobrar.

Como não quis passar seu número, estou indo para a sua cidade. Não pense em fugir de novo.

Luiza sentiu a boca se torcer com o tom da carta. Também não trazia data.

— Você acha que... — Ela pegou a foto de novo. — É esse cara da cachoeira?

— Será que ele veio pra cá mesmo?

— Não sei. Talvez tenha ficado com ciúmes do pai e vindo atrás da mãe? — Mesmo assim, parecia haver mais na história. Ela só não conseguia imaginar o quê. Tentou deixar a voz leve. — Bom, a gente nunca ouviu falar do sujeito, então não deve ter sido nada importante. É melhor deixar isso quieto, Rogério. Eram só umas coisas velhas dela e... o que é isso?

— O envelope não tinha remetente — ele disse. Segurava uma carta escrita em uma caligrafia diferente. Mas não foi isso que mais chamou a atenção de Luiza, e sim o conteúdo do breve recado.

Pensei no que você pediu e aqui vai um feitiço que pode ajudá-la. As palavras são potentes; cuidado ao usá-las. Sugiro que as apague assim que decorar, para evitar quaisquer problemas.

E o trecho na sequência tinha sido inteiramente riscado com uma caneta preta.

Os dois encararam o papel em silêncio, até que Luiza questionou, um tanto retoricamente:

— Que caralhos?

Era impossível apontar a idade da carta; não havia nem um selo. Devia ter sido entregue pessoalmente a quem quer que fosse o destinatário.

— Mamãe lançava feitiços? — perguntou Rogério.

— Não seja idiota — disparou ela. — Ela sempre odiou superstições. Talvez seja algo da vó Amélia. — A avó materna deles sempre estava às voltas com alguma simpatia; uma vez contou que fazia até umas “curas” lá na cidade dela. Mas, é claro, isso não explicava como ou por que o recado teria ido parar naquela gaveta...

E não era como se pudessem perguntar à mãe agora.

Luiza sentiu uma pontada de irritação misturada com o luto que ainda atacava vez ou outra, mesmo mais de um ano após o enterro. Respirou fundo. Já tinha problemas suficientes sem remexer em mistérios do passado.

— São só velharias, Rogério. Não importa. Deixe tudo isso aí e vamos almoçar.

...

O Bar do Zé era uma instituição tradicional de São Judas Tadeu dos Milagres, um boteco-barra-restaurantes cujo atual proprietário na verdade se chamava Manuel, embora ninguém parecesse lembrar disso.

— Fala, Zé! — cumprimentou Rogério enquanto eles se sentavam numa mesa. Alguns conhecidos nas mesas ao redor responderam antes que o próprio chegasse de trás do balcão, com um sorriso largo embaixo do bigode.

— Quem tá vivo sempre aparece, hein!

— É, faz tempo que a gente não vem...

— A sua mulher veio também?

— Não, ela ficou em São Paulo. Eu fico só até amanhã.

O homem se virou para ela.

— Oi, Zé — cumprimentou Luiza, já antecipando o que viria a seguir.

— Tudo bem, menina? Já achou um namorado?

Ela respirou fundo e tentou sorrir. Não muito, mas tentou.

— Não.

— Meu filho tá solteiro de novo, tomou um pé na bunda...

Talvez porque deva dinheiro pra meia cidade? Mas Rogério interrompeu antes que ela achasse as palavras para recusar uma oferta tão boa.

— E como vão as coisas por aqui, Zé?

Luiza nem ouviu a resposta enquanto corria os olhos por um cardápio que conhecia de cor desde criança. Voltou a prestar atenção só quando ouviu a pergunta:

— E vieram fazer o quê aqui?

Ela olhou para Rogério, mas o irmão não respondeu e esperou que ela tomasse a iniciativa. Bem, não tinha como evitar.

— Eu... estou me mudando de volta pra nossa casa.

Zé ergueu uma sobrancelha. Ela quase podia *sentir* a atenção dos velhos nas outras mesas. Até o fim do dia, toda São Judas Tadeu — que, verdade, consistia em pouquíssima gente — saberia da novidade.

— Bom, é uma pena uma casa dessas ficar vazia! Bem-vinda de volta. — Luiza só murmurou algo vago. Não tinha dúvidas de que, se a população pudesse votar, não seria ela a filha escolhida. *E o sentimento é mútuo.* — O que vão querer?

Eles fizeram os pedidos e o homem se afastou. Luiza olhou para a rua pacata, onde moradores passeavam e faziam compras, chamando-se pelos nomes como se todos se conhecessem. E de fato se conheciam. Todo mundo sabia de tudo sobre os outros naquele lugar.

Deus, como ela detestava a sensação de estar sendo observada. Só estar sentada ali disparava suas piores lembranças de crescer numa cidade minúscula, onde as pessoas se sentiam na liberdade de ir “informar” a mãe dela que a filha andava “se enroscando” com outra garota.

O fato de que a mãe não estava mais ali para mandar todos à merda só deixava tudo pior.

Rogério pigarreou.

— Você... hã... vai ficar bem aqui?

— Claro — ela respondeu. — Afinal, é temporário. — *Temporário* vinha sendo sua palavra-chave nos últimos meses. Ela tinha que acreditar que as coisas iam voltar ao normal em breve, senão começaria a gritar e arrancar os cabelos. O que ela não ia fazer, claro. Porque *era* temporário.

— É que com a Amanda te largando... e a agência falindo... e você tendo que sair do apartamento...

— Eu lembro, Rogério. — Não era todo dia que você acabava um relacionamento de seis anos e que sua agência de turismo, que tinha construído do zero com a noiva, falia por causa de uma pandemia que ninguém tinha previsto. Ela tateou o dedo anelar num hábito nervoso que começara nas últimas semanas, quando percebeu que as coisas tinham mesmo acabado e enfim tirou o anel de noivado. — Mas segunda eu vou ligar pro corretor — acrescentou, tentando imbuir a voz com um pouco de otimismo. Quando vendesse a casa, conseguiria voltar pra São Paulo e se reerguer. Quando as coisas estivessem mais calmas, ela e

Amanda poderiam conversar e reavaliar a situação. Aquela estadia ali era apenas um revés.

Rogério hesitou.

— Chegou alguma oferta pela casa? — perguntou ele após um momento.

Ela suspirou — e lá se ia o otimismo.

— Ainda não. Quem vai querer aquela casa?

— É, precisava de umas reformas...

— O problema não é a estrutura — disse Luiza em voz baixa, se inclinando sobre a mesa —, e sim a localização. Quem vai querer se mudar pra cá? Não tem nada aqui. Ninguém *vem* pra essa cidade. As pessoas só moram em São Judas Tadeu porque os pais e avós nasceram e morreram nesse lugar.

— Por que você não abre uma agência aqui?

Ela riu, imaginando a grande oferta de passeios disponíveis para turistas.

Então seu riso morreu de repente.

— Sabe que não é uma má ideia?

— Não?

— Quer dizer, não a agência. Mas se desse pra tornar esse lugar interessante de alguma forma... A gente só precisava ter alguma coisa legal, só nossa. Tipo os orelhões gigantes em Itu. A pamonha de Piracicaba. Ou algo para reivindicar... alguma coisa que tenha sido inventada aqui...

— A eletricidade? — ele sugeriu.

— A eletricidade, Rogério? — ela disparou, erguendo a voz. — Você quer falar que a *eletricidade* foi inventada em São Judas Tadeu dos Milagres?

— Sei lá!

Ela abanou a mão.

— Não adianta, não tem nada interessante nessa cidade.

— Isso saiu um pouco alto demais, e ela tossiu para disfarçar quando um casal de meia-idade na mesa ao lado

lançou um olhar feio para eles. Rogério só acenou e abriu um sorriso, depois virou-se para ela de novo, mais sério.

— E o que você vai fazer com... aquelas coisas?

— Deixar lá na gaveta — respondeu ela, dando de ombros. — Tem coisa mais urgente pra arrumar do que umas fotos velhas.

Só que, à noite, quando Rogério foi para a cama e a casa ficou silenciosa como uma tumba, Luiza não conseguia parar de pensar no quarto da mãe. Esgueirou-se para lá na ponta dos pés, ainda que o irmão dormisse como uma pedra. Sentia-se meio boba. *Quem você não está querendo perturbar?* Fechou a porta e acendeu a luz.

As coisas ainda estavam sobre o colchão, a gaveta ao lado.

Examinou as fotos de novo. As cartas de Carlos Eduardo. Aquela carta sem remetente, com palavras riscadas, falando de coisas estranhas.

A verdade era que estava perturbada com toda aquela história. Mesmo se fossem apenas cartas normais, ela teria achado estranho estarem escondidas daquele jeito. Mas o tom sinistro das mensagens a deixou com uma sensação desconfortável, como quando a pessoa acorda de um pesadelo e ainda não se situou na realidade. Ergueu a foto da cachoeira, com a mãe e o desconhecido que talvez fosse Carlos Eduardo, e quanto mais a encarava mais parecia perceber o desconforto da jovem Madalena ao lado do desconhecido.

No instante seguinte, perdeu o fôlego.

Como se viesse dos fundamentos da casa, um tremor atravessou as janelas fechadas, chacoalhando as esquadrias — e no instante seguinte o vento sussurrou algo ininteligível, impossivelmente próximo aos seus ouvidos, fazendo-a sentir um calafrio da cabeça aos pés.

Ela deixou cair a foto.

Teve de reprimir o impulso de gritar pelo irmão, balançando a cabeça quando a sensação — o que quer que fosse — passou num instante. *Não seja ridícula. Deve ter uma fresta na janela. Foi só uma brisa.* Afastou-se da cama. Aquelas coisas também não importavam. A mãe tivera uma vida feliz ali, com eles, e quem quer que fosse Carlos Eduardo não tinha mudado isso. Ela só precisava rir para exorcizar seu medo.

E o melhor jeito de fazer isso era, é claro, tuitando.

lu(tando) @luizaxduarte

Gente, olha que bizarro: estou temporariamente de volta na casa dos meus pais e meu irmão e eu descobrimos uma gaveta falsa no armário da minha mãe. Dentro tinha um monte de fotos e cartas antigas, até uma com um feitiço!

Um amigo de faculdade curtiu a postagem e desejou uma boa volta ao lar. Ela desligou a luz, fechou a porta do quarto da mãe e voltou para a cama enquanto respondia ao colega. Já se sentia melhor.

...

Estavam a caminho, os quatro, Rogério nos braços da mãe e Luiza de mãos dadas com o pai. Ela falou algo para ele. Não sabia o quê. Não ouviu a própria voz. Mas talvez ele tivesse ouvido, porque se virou para ela e sorriu. Ela sabia, instintivamente, que estavam a caminho do circo que tinha chegado na cidade. Também sabia, instintivamente, que havia algo errado naquela cena.

Ele está morto, pensou uma parte da mente que estava no futuro. Virou para a mãe. *Ela também.*

Mas aquele passeio era real. Tinha sido, pelo menos. Eles percorreram aquele caminho juntos quando...

Um segundo depois, tinham pulado a etapa desnecessária do trajeto e estavam sentados no interior da

tenda. No centro do picadeiro havia um mágico. Ela soube de novo, instintivamente, sem entender como ou por quê, que era Carlos Eduardo. Ele dividia uma mulher ao meio com uma serra. Luiza se virou para a mãe e percebeu, com um susto, que ela não estava mais lá.

E então a tenda de lona se transformou em paredes de pedra escura, como as masmorras de um castelo, e Luiza estava atrás de grades. Do outro lado, um homem fazia experimentos em um tipo de laboratório. Ela só via as suas costas. A cena parecia estranhamente familiar. Ela já estivera ali antes. Se apenas conseguisse se lembrar...

Luiza...

Acordou com um arquejo, o coração martelando no peito e a garganta seca. Ficou desorientada por um segundo — a cama estava do lado errado? — e aí percebeu que estava no seu quarto de São Judas Tadeu, não no seu antigo apartamento. Era manhã, e a luz se infiltrava pelas frestas da persiana como pensamentos indesejados.

Que porra foi essa? Ela tentou rir. O sonho já desvanecia da memória, mas algumas partes pareciam gravadas atrás das pálpebras daquele jeito que apenas as coisas mais desagradáveis faziam. Por que foi se lembrar daquela ida ao circo justo agora? Tinha sido o último passeio com toda a família.

No sonho, não conseguira ouvir as palavras do pai. Também não se lembrava exatamente de quais foram na vida real. Se soubesse o que estava para acontecer, teria atentado. Recordado cada frase.

Curiosamente, só se lembrava de perguntar à mãe, na saída da tenda colorida, como o mágico fazia aquelas coisas. Madalena tinha respondido que ela só tinha que acreditar — mas, claro, esse era o tipo de coisa que as pessoas diziam às crianças. Aos seis anos Luiza tinha acreditado nas palavras. Só que a magia em sua vida tinha

acabado poucos dias depois, quando o pai sofreu o acidente que tirou sua vida.

Como se não percebesse essa verdade indiscutível, a mãe continuara contando histórias de bruxas e princesas. Por mais que Luiza ainda adorasse ouvi-la, a partir de então uma voz sempre sussurrara em sua mente que os finais felizes não iam durar.

A masmorra do sonho cruzou a mente dela, mas em um segundo se dissipou como fumaça sob a luz do dia.

Luiza esfregou os olhos, sentou-se na cama e pegou o celular — e então levou mais alguns segundos para entender o que estava acontecendo.

O aparelho estava quase travado com as notificações que tinham chegado durante a noite. Aquele tweet bobo para seus menos de cem seguidores estava com mais de 8 mil curtidas. E as respostas...

fabi terá novidades @fab_lima

Só eu tô sem dormir esperando a continuação dessa história???

27 compartilhamentos 256 curtidas

felipe do mkt @itsmelipe

menina não mexe com essas coisas toma cuidado

16 compartilhamentos 147 curtidas

duda vai no show do rbd @dudamedeiros

O QUE TEM NAS CARTAS? QUEREMOS SABER! #abreagaveta

12 compartilhamentos 105 curtidas

A hashtag #abreagaveta tinha *centenas* de posts e suas mensagens privadas estavam cheias de amigos rindo do sucesso inesperado ou pedindo detalhes. Graças a Deus, Rogério nem sabia o que era um Twitter. Ela procurou alguma mensagem de Amanda, mas ou a ex não tinha visto ou só não queria falar com ela.

Acabou só abrindo a mensagem de uma amiga da faculdade que estava fazendo intercâmbio no exterior:

Amiga, você viralizou hahaha! Aproveita o hit pra divulgar seu currículo. Espero que esteja tudo bem aí, assim que eu voltar vou te visitar.

Luiza respondeu alguma coisa, mas sua cabeça estava longe — raciocinando. Pensou no sonho. Na lembrança. Na sugestão da amiga. Teve uma ideia.

E, como todas as más ideias, era irresistível.

lu(tando) @luizaxduarte

Gente, como assim 100 mil curtidas??? hahaha desculpem a demora, vi que vocês estavam esperando a continuação! Pois bem, já que querem saber, vou explicar melhor essa história... #abreagaveta

|

A gaveta tinha fotos de quando meus pais eram jovens. Mas a que mais chamou a atenção foi esta aqui. Não há nome nem data, mas imagino que seja o início dos anos 70.

[Descrição de imagem: foto mostrando um homem com 30 e poucos anos parado de perfil na frente de uma cachoeira, usando shorts e sem camisa]

|

E aí achamos essa carta, que estava junto com a foto! Não tinha endereço nem remetente. O feitiço estava riscado mesmo, não dá pra ler nada.

[Descrição de imagem: carta que introduz um feitiço, mas as palavras estão todas riscadas]

|

Pensando melhor, lembrei que minha mãe uma vez nos contou que um mágico passou pela nossa cidade (São Judas Tadeu dos Milagres). Ele veio com um dos circos itinerantes que faziam o circuito do interior de SP na época...

|

... e ficou amigo dos meus pais. Disse que era um mago de verdade (!) e que nossa cidade era um centro de grande energia espiritual, que facilitava a liberação das impurezas da alma e a resolução de desejos. Loucura, né?

|

Enfim, deve ser ele, porque conheço todo mundo que mora aqui e nunca o vi. Não sei o que ela contou pra ele, mas o cara pelo visto achou que tinha uma solução mágica. Se eu lembrar mais algum detalhe, conto pra vocês!

2.

O homem era muito rico e vivia em um castelo cheio de tesouros mágicos. Ele dizia que era um feiticeiro, mas seu único poder era convencer as pessoas a acreditarem em suas palavras – e, quando elas não funcionavam, distribuía ouro para conseguir o que queria. Dessa forma, sua fama começou a se espalhar.

Um dia, um rei chamou o feiticeiro pedindo ajuda para salvar sua esposa. O homem tinha começado a acreditar em seus próprios truques e prometeu que curaria a rainha. Foi até ela com um talismã muito poderoso, uma pedra mágica que comprara de um vendedor ambulante e que resolvia até os casos mais graves.

Não funcionou.

A história se espalhou como um vírus. As primeiras respostas eram mais ou menos como ela imaginava:

jade @jad_fve
@jvictor @gabileao partiu são judas tadeu???
2 compartilhamentos 31 curtidas

kah manda foto de agora @gatinhastrange
caravana pro interior pra limpar as energias!!!
18 compartilhamentos 256 curtidas

luiz neto @luiz03030102
obvio que é mentira vcs acreditam em qq coisa bando de otario

7 compartilhamentos 34 curtidas

|

vini @victorvix

Aqui temos alguém que precisa ir urgente a São Judas Tadeu dos Milagres pra relaxar.

4 compartilhamentos 356 curtidas

Mas não era só isso — ela já recebia mensagens de portais de notícias querendo entrevistá-la. Portais fazendo *matérias* sobre *São Judas Tadeu dos Milagres*! Luiza abaixou o celular na pia da cozinha e se permitiu um sorrisinho. Teve dúvidas logo após postar, mas, no fim, era uma história inofensiva. O sujeito provavelmente já estava morto. Não ia machucar ninguém e poderia até beneficiar a cidade. E o que era mais importante: ninguém poderia provar que *não era* verdade...

Ela lavava a louça, já pensando nas respostas que daria em eventuais entrevistas, quando Rogério ligou.

— A Karina me mostrou seu post! Mamãe contou mesmo sobre o mago?

— O mago não existe, Rogério. Eu inventei o mago.

— Ah.

— Mas a história viralizou mesmo. Já tem gente falando em vir aqui no próximo fim de semana. Com certeza vai ajudar a vender a casa. Não é ótimo?

— Você acha que as pessoas vão mesmo?

— Tá todo mundo precisando de umas férias e uma ajudinha mística. Agora é torcer pro pessoal querer “limpar as energias” vindo pra cá. Você vai ver, logo, logo eu vou transformar isso aqui no novo destino turístico do estado.

— Será que o pessoal da igreja vai gostar dessa história de magia?

— Eles que lidem com isso. Quando a cidade receber turistas, ninguém vai reclamar. — E como se os postes das ruas não estivessem cheios de lambe-lambes prometendo

afastar olho gordo e trazer amor em trinta dias! Antes que Rogério pudesse apresentar mais alguma objeção, ela perguntou: — Aliás, você sabe se tem um martelo por aqui? Uma prateleira do meu quarto caiu ontem à noite. — Ela tinha quase infartado de susto às duas da manhã, acordando do que suspeitava ser outro sonho estranho que logo tratou de esquecer. A prateleira estava ali fazia anos e não parecia frágil, mas era bem a sorte dela mesmo.

— Hmm, vê no galpão. Acho que vi um lá atrás no fim de semana.

Ela desligou e saiu para o jardim, onde tomou o segundo susto do dia: dois adolescentes estavam escalando seu muro.

— Ei! — ela deu um grito meio engasgado.

Os dois congelaram com os braços por cima do muro e a mesma cara de culpa.

— Ah, oi — disse o primeiro, um loirinho magrelo vagamente familiar. O outro era moreno e mais musculoso.

— O que estão fazendo? — perguntou Luiza.

— Eu sou o neto da dona Simone — apresentou-se o loiro. — Lembra de mim?

Dona Simone era uma das vizinhas. A família sempre a vinha visitar no fim de semana, mas a última vez que Luiza vira o garoto ele ainda era criança. Seu nome era... Pedro? Lucas? Qual era aquele neto mesmo? A velha tinha uns vinte.

Ele apontou para o garoto ao seu lado.

— Meu namorado, Heitor.

Luiza quase ergueu uma sobrancelha ao ver a tranquilidade do garoto. *Cuidado pra quem você vai falando isso*, ela pensou em dizer.

Mas não era da sua conta e, no fim, não teve tempo nem de abrir a boca.

Heitor ergueu uma mão em cumprimento.

— Olá — disse, sério como se estivesse numa entrevista de emprego e não encarrapitado no muro de uma desconhecida.

— Oi — ela cumprimentou devagar, ainda perplexa. — Então... *o que* vocês estão fazendo aqui mesmo?

— Hãã, nada — disse talvez-Lucas. — Só estava dando uma olhada... mas escuta, Luiza... a gente leu sua história no Twitter.

— Ah. Certo?

— Você viu alguma coisa estranha? — perguntou Heitor, mais incisivo. — Há mais algum material do mago que possamos analisar?

— Quê? Coisa estranha?

— Naaada, *nada* — disse Lucas depressa, com um olhar para o namorado que Luiza não conseguiu interpretar. — Escuta, a gente tem um amigo... bom, um conhecido, na verdade, que queria discutir a história com você. Ele é adulto — ele acrescentou depressa. — Um professor de faculdade e tal.

— Como vocês conhecem um professor de faculdade? — Eles ainda deviam estar no ensino médio!

— Nós temos... interesses em comum.

Putá que pariu, pensou Luiza. *Quem é essa gente?*

— Bom, fala pra ele me contatar, acho...

— Ele deve vir pra cá no fim de semana, então vou falar pra passar aqui! — disse Lucas com um sorriso enorme. — Valeu!

— Obrigado — acrescentou Heitor, depois desapareceu atrás do muro.

O namorado estava prestes a seguir seu exemplo quando ela gritou:

— Ô, espera!

De repente, percebeu que tinha sido besta. Pensava que, sem a mãe, ninguém poderia esclarecer nada sobre as

coisas que tinham encontrado. Só que estava em São Judas Tadeu dos Milagres, um lugar onde todos se intrometiam na vida de todos e fofoqueira de calçada era quase profissão regulamentada por lei.

Se ela queria descobrir mais sobre a visita de Carlos Eduardo, bastava achar alguém que morava ali na época.

— Sua vó está em casa? Queria visitar ela uma hora dessas.

— Ah, tá sim. Pode ir, ela vai gostar. — Com isso, o garoto sumiu também.

Que merda acabou de acontecer?

Balançou a cabeça. Coisas do interior. O sol já estava escaldante e ela suava mesmo de shorts e regata. Enxugou a testa e se dirigiu ao galpãozinho no jardim que continha o tanque e todas as tralhas que eles não tinham mais onde guardar: ferramentas enferrujadas; velhos brinquedos dela e de Rogério; um aparelho de videogame quebrado; um skate que o irmão usou só por dois meses antes de cansar de cair de cara no chão; um daqueles rádios antigos enormes; piscinas infláveis desinfladas, e aí por diante. Ia ser um saco se livrar de tudo aquilo quando ela vendesse a casa.

Achou uma caixa de ferramentas embaixo do tanque e se espremeu ali para pegar o martelo. Ainda mais que a casa, o galpão parecia pequeno demais para o seu corpo adulto. Quando se levantou, parou um momento e lembrou-se de ver a mãe tantas vezes naquele mesmo lugar, assoviando alguma canção. Por um momento, quase conseguiu ouvir a voz dela.

Não.

Luiza conseguia ouvir a voz dela.

Um calafrio a percorreu dos pés à cabeça, enregelando-a no calor de 40 graus. O som vinha do rádio no chão:

palavras entremeadas de estática que não eram nenhum programa sintonizado, e sim uma voz inconfundível.

Uma gravação... devia ser algum tipo de gravação. Ela largou o martelo e pegou o aparelho, mas a relíquia nem tinha local para fita. Luiza o girou nas mãos trêmulas, cada vez mais nervosa, tentando desligá-lo, mas o botão não funcionava — e, quando tentou tirar as pilhas, viu que nem *havia* pilhas ali dentro.

Com um som que foi quase um ganido, soltou-o com tudo sobre o tanque. As peças de metal chacoalharam.

Nem isso parou o som.

Luiza, disse a voz saída do aparelho, subitamente nítida.

— Isso não está acontecendo, lá-lá-lá — ela disse baixinho, o coração disparando no peito, a própria voz soando distante. — Eu só preciso dormir. Dar uma volta. Maneirar na cafeína.

Escute, Madalena, disse uma segunda voz. *Você não pode... shshsh... isso às crianças.*

Era possível morrer de choque?

Talvez ela descobrisse. Com o coração na garganta, reconheceu essa voz também, embora estivesse muito mais difusa na memória. Lembrava de ouvi-la mais em fitas antigas do que na vida real.

— Pai? — ela sussurrou.

Houve mais alguns chiados e palavras entrecortadas, sílabas soltas e um diálogo que não fazia sentido. E então uma terceira voz que ela nunca ouviu ou não se lembrava de ter ouvido falou:

Foi isso mesmo. Quando fiquei sabendo, ele já... continua o mesmo, não sei... shshsh... quer dessa vez, nem se é diferente agora... shshsh... comigo há algum tempo e prefiro manter dis... o maior risco é... eu devolveria... shshsh... que seja uma pena.

A voz da mãe, de novo: *Obrigada... shshsh... o que tiver de ser.*

Então caiu o silêncio.

Mais tarde, Luiza não saberia dizer no que estava pensando enquanto empurrava o rádio para baixo do tanque e fechava a porta do galpão. Voltou para dentro da casa. Subiu e desceu as escadas. Limpou um banheiro que já estava limpo. Colocou uma playlist estourando de alto no celular.

Sua mente estava tentando se proteger, fugindo do que tinha acontecido ao mesmo tempo que uma parte do seu cérebro trabalhava freneticamente para criar explicações. *Estou cansada. É uma ilusão. Insolação. Loucura; estou ficando louca.* Até a última parecia um consolo em comparação com as alternativas. *Não seja ridícula. Esse tipo de coisa não acontece. Esse tipo de coisa não existe.*

A noite caiu como uma sentença. Ela teve que se segurar para não sair da casa e... fazer o quê? Bater na porta dos vizinhos falando que estava com medo demais de ficar na própria casa porque estava ouvindo vozes? De jeito nenhum. Saiu para comer algo no bar do Zé, onde encontrou os mesmos velhos de sempre. Sentiu-se melhor por estar ao redor de pessoas, mas por fim teve que voltar. Se estivesse em São Paulo, poderia encontrar algo pra fazer: lugares 24 horas, amigos, uma balada, um show, qualquer coisa. Ali, não havia nada — só a escuridão e o silêncio que nem era interrompido por buzinas ou gritos na rua.

Deitou-se com os olhos abertos e a luz acesa. Era impressão sua ou as sombras estavam estendendo-se mais do que o costume? *São as árvores balançando lá fora.* Só que não se ouvia vento algum fora da janela, e ela tinha quase certeza que os galhos não tinham a forma de dedos esticando-se nas paredes...

Uma voz muito, muito baixinha sussurrou: *Eu não devia ter feito aquilo. Não devia ter mexido com aquelas coisas.*

Lembrou da estranha carta falando de feitiços e palavras poderosas e, por mais que resistisse contra a ideia, aquelas vozes...

Não. Era absurdo.

Pegou de novo o celular, querendo qualquer distração. As notificações e compartilhamentos não tinham parado desde que escrevera a thread, mas agora algumas mensagens incompreensíveis começavam a chegar e ela precisou fuçar nas respostas para descobrir o tweet que tinha causado o furor.

Quando encontrou, teve que ler três vezes.

A conta era de uma mulher — uma tal de Beatriz, cujo perfil consistia numa citação de música em inglês e cuja foto mostrava uma loira mais ou menos da idade dela. A mulher tinha citado Luiza e comentado:

bia de boas @beatriz_ferreira

Gente, a história é verdadeira! O mago era meu pai e viajava pelo país procurando áreas propícias à magia. Esta é uma foto dele mais ou menos nessa época.

456 compartilhamentos 2.857 curtidas

A foto desbotada mostrava um homem encostado num carro antigo, com o Pão de Açúcar no fundo. Apesar de meio granulada, não havia dúvida: era o mesmo cara da foto com a mãe dela. Luiza encarou a imagem como se pudesse lhe oferecer mais respostas. Vasculhou o perfil da tal Beatriz, mas não encontrou nenhuma informação relevante, só tweet após tweet sobre assuntos aleatórios e séries de TV.

Então abriu suas mensagens privadas. Havia uma da mulher.

Fala, Luiza. Como vai? Tô a caminho de São Judas Tadeu e gostaria de conversar contigo. Chego amanhã. Até mais!

Ela encarou a mensagem por um tempo indeterminado. As sombras continuavam agindo a seu bel-prazer, desafiando as leis da natureza, e algo soltou um rangido aborrecido em algum lugar da casa. Sem reação, ela ficou encarando a tela ofuscante e ouvindo sua própria respiração até que o sono, enfim, pesou as pálpebras e livrou-a da consciência.

...

Era o dia seguinte, depois do almoço, e Luiza e Beatriz se olhavam como só podiam se olhar duas pilantras cientes das pilantragens uma da outra.

O café fumegava diante de Luiza na mesa. Sua cabeça doía: tinha acordado às três e meia da manhã quando uma corrente de ar particularmente alta bateu uma porta no andar de baixo e não tinha conseguido voltar a dormir. As olheiras que encarou no espelho pela manhã não prometiam um dia agradável.

Já a mulher à sua frente parecia ter tido uma belíssima noite de sono.

Era idêntica à sua foto de perfil: cabelos loiros lustrosos emolduravam o rosto com uma maquiagem discreta. Usava um jeans escuro, uma camisa com uma estampa psicodélica, com as mangas enroladas até o cotovelo, e brincos coloridos combinando. Disse que era do Rio e trabalhava atualmente como *social media* para alguma loja. E aí houve uma pausa, durante a qual Luiza não ofereceu nenhuma informação sobre si mesma.

Chega de conversa fiada, pensou ela.

— Como descobriu onde eu moro? — questionou à queima-roupa.

— Ah, foi só perguntar na cidade — respondeu Beatriz, com um sorriso radiante no qual Luiza viu um toque de

falsidade. Tomou um golinho de café. — Maneira a casa!

Luiza se reclinou na cadeira e cruzou os braços.

— O que você quer?

A outra não se abalou.

— Tu deve ter visto a minha resposta ao teu tweet?

— Vi — confirmou ela. — E... — Parou antes de falar o que estava na ponta da língua.

— E acha que eu estou mentindo — complementou Beatriz. — Porque tu também está mentindo.

Silêncio. A mulher arqueou uma sobrancelha, mas Luiza se recusou a desviar o olhar.

— Eu não forjei nenhum daqueles documentos. Realmente os encontrei numa gaveta secreta. Está tudo lá em cima, inclusive. E o circo e o mago realmente vieram aqui quando eu era criança. — *Só não estavam juntos nem relacionados de qualquer forma, mas isso não é problema seu.* — Eu estava só compartilhando a história com meus seguidores.

— Claro, claro — disse Beatriz, generosamente. — E imagino que não esperava o sucesso?

— Quem ia esperar uma coisa dessas?

— Bem, aposto que será útil para valorizar essa casa. Não estava conseguindo vender, né?

Luiza a encarou em choque.

— Como...?

— Ah, tu estava xingando teu corretor no Twitter umas semanas atrás. E quando liguei na imobiliária aqui da cidade, descobri que vem abaixando o valor há semanas, mas mesmo assim ninguém fez uma oferta. Imagino que esteja desesperada para vender a casa, já que tua agência de turismo faliu três meses atrás.

Luiza teve que se esforçar para manter a tranquilidade.

— Está me stalkeando?

— Eu não stalkeio, apenas observo atentamente — respondeu a mulher com calma. — Primeiro tu reclamou das vendas e um tempo depois falou sobre o fechamento da agência. Daí parou de mencionar a namorada... calma, eu só estava comentando. E um pouco depois disse que estava de mudança. “Temporária.” Eu só juntei dois mais dois. Tenho que admitir — continuou ela, abaixando a xícara na mesa — que a ideia de tornar a cidade um ponto turístico é uma sacada de gênio. Mas o que tu precisa é respaldo. É por isso que estou aqui.

— Respaldo? — ela repetiu. Não tinha dormido o suficiente para acompanhar aquela conversa.

— Uma confirmação da tua história — explicou Beatriz. — O homem que tu chamou de mago, como viu pela foto que eu postei, é meu pai mesmo. Teoricamente.

— Teoricamente?

A outra fez um gesto vago.

— Nunca o conheci, mas o reconheci quando topei com o teu tweet porque lembrei de uma foto da minha mãe... uma foto mostrando o cara com que ela teve um breve caso e que desapareceu no mundo quando ela engravidou. Um sujeito maravilhoso, como tu pode imaginar — ela acrescentou, revirando os olhos. E então se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos na mesa, fitando-a intensamente. — Agora, imagine o que a gente pode fazer unindo forças. No começo, muita gente duvidava do teu papo furado, mas o teu tweet tem atualmente — ela conferiu o celular — mais de 140 mil curtidas. Se eu confirmar toda essa baboseira sobre energias positivas, isso aqui vai bombar. Tenho certeza que a gente consegue vender essa história.

Luiza bebeu outro longo gole de café, torcendo para a cafeína ativar seus neurônios o quanto antes. Até que fazia

sentido. Só tinha uma coisa que ela ainda não entendia — e era hora de perguntar.

— E você faria isso em troca de quê?

— Um terço do valor da casa.

Por um momento, ela pensou que tinha ouvido errado. *Com certeza* devia ter ouvido errado. Porque de jeito nenhum aquela vigaristazinha tinha dito que queria um terço do valor da casa dela.

Abaixou a xícara na mesa com um baque.

— Como é que é?

— Imagino que ia dividir o valor com o teu irmão, né? Pois bem, com a minha ajuda, tu vai conseguir aumentar o preço e talvez nem tenha prejuízo. Um terço fica comigo.

— Você está louca? — Ela tinha perdido a batalha com a paciência, e sua voz ressoou na sala de estar.

Beatriz recostou-se na cadeira com a tranquilidade de quem sabe que vai conseguir o que quer.

— Não me parece nada absurdo — disse ela —, considerando que sem mim tu não vai conseguir um tostão furado. Agora, seria péssimo pro teu futuro profissional se alguém vazasse que tu inventou uma história falsa pra tentar vender uma casa, né?

Luiza estava sem palavras. A situação era, no mínimo, insólita. Tudo tinha acontecido depressa demais, seu celular estava recebendo todo tipo de mensagem absurda e ela temia estar alucinando vozes. Só conseguiu encarar a chantagista. A mulher tinha razão, é claro. E ainda pior do que sua fama profissional, havia outra questão: o que Amanda pensaria disso? Nunca que sua ex aprovaria o que ela tinha feito. Era provável que a desprezasse para sempre.

Ela rangeu os dentes.

— Sua...

— O quê? Não fui *eu* que usei o passado de outra pessoa para me dar um empurrãozinho na vida. — Então o sorriso

e a máscara caíram, e Luiza percebeu que seu desprezo era retribuído. A voz da outra ficou baixa. — Tu quer ganhar em cima da imagem do meu pai e espera que eu fique quieta? Não é assim que funciona. Eu tenho contas para pagar e uma mãe para sustentar. — Ela retomou o tom alegre: — Então, temos um acordo?

— Parece que não tenho escolha — ela respondeu com a mandíbula trincada.

— Excelente! — O sorriso voltou, exceto que agora Luiza sabia com absoluta certeza que era falso. — Ah, e mais uma coisa: parece que só tem uma pousada nessa cidade e acho melhor ficar disponível para os turistas. Tu nem vai reparar em mim.

Ela levou um momento para entender.

— Você quer ficar *aqui*? — Era revoltante demais. Luiza nunca ficara tão indignada. Tentou expressar toda essa indignação, mas só saiu ar numa bufada.

— Eu fico no sofá, sem problemas — disse Beatriz. — Sou especialista em dormir em qualquer lugar.

Luiza estava prestes a mandá-la para certo local nada turístico quando as noites anteriores voltaram à memória. Ela hesitou. Talvez ter outra pessoa sob o mesmo teto — mesmo aquela sujeitinha — ajudasse com a sua ansiedade e as alucinações. No mínimo, lhe daria outra coisa com que se preocupar.

— Tudo bem — ela disse, tentando soar o mais contrariada possível. — Mas se eu acordar de noite e você estiver afanando a TV, vou chamar a polícia.

— Por favor, já te informei dos meus planos — bufou Beatriz. — Não tenho intenção de roubar de gente falida.

Sentindo que sua paz de espírito já fora roubada em poucos segundos, Luiza só mordeu a língua. Aí se lembrou de outra coisa e acrescentou depressa:

— Mas você não pode entrar no galpão dos fundos.

Beatriz ergueu uma sobrancelha.

— Por quê? O que tem no galpão dos fundos?

— Nada que seja da sua conta.

— Hm, nada suspeito.

— São coisas minhas — insistiu ela — e não quero você fuçando nelas. Inclusive, mantenha-se longe do galpão de forma geral. Nem pise no jardim. Fique no sofá e na cozinha. Tem um banheiro aqui embaixo. Não quero te ver no andar de cima.

Beatriz revirou os olhos.

— Tudo bem, Barba Azul. — E deu uma *piscadinha*. — Não se preocupe, não tenho qualquer interesse nos esqueletos no teu armário.

...

— Salafrária — sibilou Luiza no celular mais tarde, sussurrando no quarto com a porta fechada. — Tratante. Vigaristazinha!

— Calma, Lu — disse Rogério.

— Que mané calma, Rogério! Ela quer roubar a gente! Eu não sei como pude aceitar, mas também não vejo saída. Se ela me desmente nas redes, estou ferrada. E daí que a gente não consegue vender essa casa mesmo. Puta merda!

— Bom... sei lá... aproveita e vê se vocês não conseguem trabalhar juntas mesmo. Eu não ligo pro dinheiro. Se você precisar...

— Nem ouse terminar essa frase, Rogério. Eu não vou dar um centavo pra ela a não ser que a gente consiga o que já estava planejando.

— Certo... então boa sorte! Pelo menos vai ter companhia aí. Vai que ela é legal?

Luiza apertou o celular tão forte que a mão começou a doer. Sua voz saiu fria e inflexível.

— Não tem nenhum jeito de eu achar essa mulher legal.

3.

Os dias passaram e o feiticeiro começou a se desesperar. O rei estava ficando enfurecido com a falta de progresso. Um dia, quando estava junto ao leito da rainha, uma criada entrou no quarto. Enquanto cuidava da doente, o talismã nas mãos do mago começou a brilhar. Quando a moça saiu do quarto, a mulher já respirava melhor.

O feiticeiro entendeu: ela era uma bruxa.

Usou palavras doces para encantar a moça, fazendo-a passar cada vez mais tempo no cômodo, até a rainha começar a melhorar. Então explicou que precisava de uma assistente para usar o poder completo do talismã. Ela aceitou ajudá-lo.

A pedra brilhou nas mãos da jovem, iluminando o quarto, e a rainha abriu os olhos.

“Não é possível”, pensou o feiticeiro, “uma simples criada ter mais poder que eu”. E a inveja fincou garras em sua alma mesquinha, envenenando-o por dentro. Ele estava determinado a descobrir o segredo da criada, então a convenceu a fugir do castelo com ele.

Luiza...

Ela se remexeu e piscou devagar. Já tinha acordado com dor de cabeça. O sonho daquela noite esvanecia depressa, mas lembrava de ter visto a mãe outra vez. Pior do que os sonhos em que recordava algum evento real, aquele foi de um tipo muito mais cruel — em que ela descobria que a morte da mãe era só uma mentira, ou fraude, ou pegadinha

de muito mau gosto, e na verdade ela estava bem. Nesses sonhos, ela podia abraçá-la e falar que sentia saudades.

Até abrir os olhos e lembrar que não existia magia nesse mundo.

Sentou-se na cama com um resmungo e lembrou-se do segundo fato indesejado do dia: Beatriz devia estar espreitando em algum lugar lá embaixo. Fez silêncio para tentar localizá-la, mas não ouviu nada. Talvez ela dormisse até tarde; já eram nove e meia. Pensando em modos desagradáveis de acordá-la, ela se levantou — mas aí parou. O chão do quarto estava cheio de documentos da agência que ela tinha certeza de que tinha deixado em cima do laptop.

A janela tinha ficado trancada a noite inteira.

Tem alguma fresta nesses vidros, ela tentou se convencer. *Ou então a pilantra veio aqui bagunçar minhas coisas*. A ideia de gritar com Beatriz a animou um pouco, e ela desceu já ensaiando um discurso apenas para se deparar com o sofá vazio e o lençol que ela tinha relutantemente cedido dobrado com cuidado em cima dele. Foi até a cozinha pé ante pé, como um felino desconfiado, mas a outra também não estava lá. Alarmada, abriu a porta para o jardim, mas estava vazio. Sem sinal de vida.

Por um momento, nutriu a esperança de que o dia anterior tivesse sido só um pesadelo particularmente vívido, mas uma possibilidade muito pior lhe ocorreu: Beatriz tinha *saído de casa*. E só Deus sabia aonde tinha ido.

Luiza enfiou a primeira camiseta e shorts que encontrou e saiu correndo na rua, olhando de um lado para o outro. A pracinha estava tranquila; só viu pessoas passeando com os cães e donas de casa lavando as calçadas. *Onde ela pode estar?* Pegou o celular e mandou uma mensagem, mas, quando não veio resposta em meio segundo, virou aleatoriamente à direita e começou a andar depressa.

A maldita me fez sair de casa sem meu café, pensou. Decidiu parar no bar do Zé para resolver o problema e aí nada no mundo a impediria de rastrear aquela safada.

— Bom dia, menina — cumprimentou o Zé quando ela se sentou numa banquetta na frente do balcão.

— Oi, Zé. Me vê uma média, por favor.

— É pra já. — E enquanto servia o café de um bule já preparado: — Muito simpática a sua amiga!

Luiza quase caiu da banquetta.

— Ela passou aqui? — *E não é minha amiga.*

— Ô, já faz umas duas horas! Madrugadora, essa aí. Assim que é bom, tem que aproveitar o dia. A menina disse que queria conhecer a cidade.

Luiza praticamente sugou o conteúdo do copo americano que ele estendeu para ela, queimando a língua de um jeito que ia irritá-la muito no dia seguinte.

— Pra que lado ela foi?

O homem pensou um momento, aí falou com a mesa atrás de Luiza:

— Ô, cês viram pra onde foi a loira?

Ela se virou. Dois homens de meia idade e um que já tinha dobrado a meia e acrescentado mais uns anos tomavam café e comiam uns petiscos. Ergueram os olhos afiados para Luiza. Ela os conhecia de vista, mas não se lembrava do nome de todos.

— A loira? — perguntou o dono de uma sapataria. — Ela queria saber o que tinha de bom pra fazer aqui na cidade. A gente falou da feira. Da cachoeira. E da casa assombrada.

— Contamo' pra ela do lobisomem — disse o seu Lucílio, o idoso, tragando o cigarro.

— O lobisomem — repetiu Luiza.

— É, e é bom ela tomá cuidado.

— Certo — ela concordou. Não tinha tempo para aquela conversa fascinante no momento. — Vou avisar. E pra onde

ela foi?

— Ela queria saber mais histórias da cidade — disse o terceiro sujeito —, mas a gente falou que quem sabe melhor que todo mundo é a dona Simone.

Luiza quase deu outro pulo. Era justamente com quem ela queria falar e não gostou nada daquela coincidência. Pagou pelo café, quase quicando no lugar enquanto o rapazinho do caixa contava o troco, então saiu em disparada pelo mesmo caminho e desviou para a rua atrás da sua casa, onde morava dona Simone.

Ela tinha uma casinha simpática com um jardim e uma bela jabuticabeira, e Luiza mal tinha virado a esquina quando identificou com um só olhar a árvore, a idosa e a cabeça loira de Beatriz. As duas papeavam no jardim com o portãozinho ainda aberto. Luiza se aproximou como um tanque de guerra, analisando Beatriz da cabeça aos pés — do coque relaxado ao shorts curto que sem dúvida extraíra diversas informações no boteco.

Respirou fundo.

— Como vai, dona Simone? — cumprimentou, parando fora do portão.

— Ah, oi, fia. É...

— Luiza.

— Luiza, isso. Entra, meu bem.

Caralho. Ela queria falar com a velha, mas não com a sujeitinha junto. Só que claramente tinha chegado tarde demais, porque, antes que conseguisse abrir a boca, Beatriz disse:

— Dona Simone estava me contando sobre a visita do meu pai — e ergueu a foto com Carlos Eduardo na cachoeira.

Isso porque Luiza tinha *falado* para ela não subir no andar de cima...

Beatriz sorriu serenamente, sabendo que Luiza não podia gritar com ela agora, mas ela nem teve tempo de se enfurecer. Distraiu-se com a expressão de dona Simone: a idosa pareceu subitamente alarmada, seus olhos voando entre Luiza e Beatriz.

— Olha, fia, não é bem assim...

— Carlos Eduardo? — perguntou Luiza, atravessando o portão. *Tá no inferno, abraça o capeta. Ou a chantagista que está morando na sua casa.* — A senhora conhece ele?

Dona Simone limpou as mãos de terra no vestido florido e ajeitou o cabelo branco.

— Não, não...

Era uma senhorinha tão simpática, com uma cara tão inofensiva. Então por que Luiza teve certeza absoluta de que estava mentindo para ela?

— Eu achei essa foto dele nas coisas da minha mãe, junto com algumas outras dos meus pais — explicou ela. — Ele parecia... íntimo da minha mãe.

— Bem, sua mãe não era daqui — recordou dona Simone delicadamente. — Chegou já moça. Estudou lá na cidade dela, onde conheceu seu pai.

— É, eu acho que ela conheceu o cara lá — disse Luiza. — Só que, pelas fotos, sabemos que ele esteve aqui em algum momento.

O silêncio da boa senhora lhe deu um pressentimento desagradável. Luiza não o preencheu, deixando o desconforto pairar. Beatriz, por sorte, ficou quieta também. Por fim, dona Simone suspirou.

— Vamos lá pra dentro — ela disse — que eu vou passar um café.

...

— Faz muito tempo — começou a idosa, sentando-se após servir a mesa para um time de futebol. — Quantos anos você tem, fia?

— Trinta e cinco.

— Ah! Então deve ter sido há uns quarenta, pelo menos. Nessa época, seu pai já tinha voltado da faculdade com sua mãe. Casados, é claro. Não teriam vivido juntos se não fossem, sua avó paterna era uma mulher muito correta sobre essas coisas. Os dois herdaram a casa depois que ela faleceu, que Deus a tenha.

“Foi pouco tempo depois, se bem me lembro. Um dia, um jovem desconhecido chegou aqui. A cidade era menor na época, então qualquer novidade se espalhava depressa. Eu lembro que as vizinhas comentaram que um moço bem-apessoado tinha chegado perguntando pela Madalena. Todo mundo ficou atiçado... vocês sabem como são essas coisas.

“Claro que ele conseguiu achar sua mãe rapidinho e, como ainda não tinha nem pousada na cidade, se hospedou lá na sua casa.”

Luiza se sobressaltou.

— Na minha casa? — Rogério e ela nem existiam na época. Será que Carlos Eduardo tinha dormido no quarto de um deles?

Dona Simone assentiu.

— Nos dias seguintes, os três, ele, sua mãe e seu pai, foram vistos andando juntos por aí. A foto que você viu deve ter sido tirada pelo seu pai.

“As comadres falavam que ela tinha deixado o rapaz pelo seu pai, mas podia ser só fofoca. Ele parecia um homem bom, uma vez o vi na mercearia. Passou alguns dias... ou foram semanas?... por aqui. E então...”

Dona Simone se ocupou em cortar um pedaço de bolo e mastigá-lo devagar. Luiza se controlou para não apressar a

idosa, mas estava prestes a explodir. Aonde ia parar aquela história — uma história da qual ela se recordava após quarenta anos?

— Então, um dia — continuou dona Simone —, sua mãe desapareceu.

Definitivamente não era o que ela esperava.

— Como assim, desapareceu?

— Ela sumiu. Ela e o rapaz. Ninguém os achava. Seu pai ficou desesperado. Saiu em busca dela e um monte de gente da cidade tentou ajudar. Ninguém encontrou rastro deles, mas daí a Madalena voltou sozinha, dois dias depois. As más-línguas disseram todo tipo de coisa, que ela pretendia fugir com outro, que tinha tirado a aliança de casamento, mas seu pai deixou claro que, se alguém falasse algo indecente sobre a esposa, ia ter que se ver com ele. Aos poucos, a história foi sendo esquecida. Ou pelo menos as pessoas deixaram de comentar... Esse povo daqui nunca esquece de nada.

— Mas o que aconteceu com ela? — Foi Beatriz quem perguntou, já que Luiza não conseguia articular uma frase coerente.

— Ninguém sabe. Pelo menos, ela nunca contou para ninguém além do seu pai.

Luiza estava embasbacada. Sua mãe tinha sumido por dois dias e ninguém sabia o que tinha acontecido com ela? Ao mesmo tempo, a história parecia estranhamente familiar, e ela se perguntou se teria entreouvido os pais falando a respeito em algum momento e só tinha esquecido.

— Como ninguém nunca me contou isso antes? — ela perguntou, um pouco indignada.

— A cidade está cheia desse tipo de história — respondeu dona Simone, com um tom gentil. — Aquelas que todo mundo sabe, mas concorda em não comentar. Não

tinha por que falar com vocês sobre isso. O moço nunca mais apareceu, seus pais eram felizes, e quando você nasceu já tinham se passado alguns anos. Coma um bolinho — acrescentou ela, cortando mais uma fatia.

— Eu não quero bolo — ela murmurou.

— Ah — disse dona Simone, com um brilho estranho no olhar —, mas do meu você vai gostar.

...

Com a cabeça girando, Luiza virou à esquerda na esquina, a caminho de casa, no mesmo instante em que Beatriz virou à direita com um breve aceno.

Luiza estancou de chofre.

— Aonde caralhos você vai?

Beatriz virou-se com uma calma infernal.

— Não terminei meu tour da cidade.

— Impressionante, dado que a cidade tem meio metro quadrado — ela rosnou. Sentiu outra pontada de dor na testa. *Essa mulher vai literalmente me matar.* — Pode parar. Você não vai mais a lugar nenhum sem mim.

— Eba — disse Beatriz, batendo palmas com a animação mais falsa que Luiza já tinha visto. — Vou ganhar uma guia turística profissional?

Ela revirou os olhos.

— Ou uma babá, pra ver se não pega mais nada que não é seu. — Ela apontou o queixo para a foto que Beatriz ainda segurava. — Eu não disse pra não mexer nas minhas coisas?

Beatriz ignorou a acusação com um encolher de ombros e seguiu em frente. Luiza, sem escolha, começou a andar ao seu lado. De repente, desejou ter se vestido um pouco melhor — a calça de moletom e a camiseta velha pareciam tristes e amarrotadas ao lado do visual simples, mas

bonito, de Beatriz, para não mencionar os crocs que ela geralmente não usava fora de casa. Tinha prendido o cabelo com um elástico antes de sair de casa sem nem olhar no espelho ou se pentear. Acontece que, desde que a agência tinha falido e Amanda tinha saído de casa, ela não se dava ao trabalho de se arrumar. Ao longo daqueles meses ainda tinha ganhado vários quilos indesejados. Tocou o dedo anelar, sentindo o espaço vazio da aliança de noivado, e conteve um suspiro.

Tentou não pensar no que tinha acabado de ouvir de dona Simone também, e torceu para Beatriz não querer discutir a história.

— Tu dorme bem pesado, sabia? — foi o que a outra disse. E depois de uma pausa: — Aliás... por acaso ouviu umas coisas ontem à noite?

Luiza de repente ficou interessada numa quitanda do outro lado da rua.

— Que coisas?

— Uns sons estranhos.

— É só a casa — ela disse, tentando soar o mais casual possível. — Tem uns rangidos de noite. A estrutura é velha.

Beatriz deu de ombros.

— Tá bom. — Sua expressão se iluminou quando elas atravessaram uma rua. — Ah, é o seu Lucílio! — E apontou para o idoso do boteco. — Ele me contou da casa assombrada. Quero ir lá depois!

— Controle suas expectativas. É só uma casa abandonada um pouco fora da cidade, você não vai ver nenhum fantasma.

— Fantasma não, lobisomem — corrigiu Beatriz. — É importante respeitar as tradições locais. Mas primeiro vamos à cachoeira.

Luiza parou na calçada.

— Você quer que eu atravesse a cidade vestida assim? É uma trilha no mato até lá! — Ela só reparou agora que Beatriz estava usando tênis confortáveis e trazia uma mochilinha com garrafa d'água.

— Não é culpa minha que tu acordou tarde e saiu de casa de pijama. — E ela voltou a andar, forçando Luiza a fazer o mesmo. — Mas acho que a vida de desempregada é isso.

— Muito engraçado.

— Só uma constatação.

— Pra quem *não* está desempregada, você parece ter muito tempo livre — comentou Luiza.

— Eu já disse: meu trabalho é remoto agora, então posso fazer meu próprio horário. Acordei às cinco pra deixar os posts agendados, responder aos insultos dos clientes e poder explorar a sua adorável cidade pela manhã.

— Deus me livre — murmurou Luiza. — E como assim “agora”? O que você fazia antes?

— Ah, um pouco de tudo. Já trabalhei em lojas e restaurantes. Dei aulas de dança. Fui atendente num aeroporto. Recepcionista num hotel. Gosto de me manter em movimento.

— Ou então não é boa em nada.

A outra não se abalou pela violência gratuita, defendendo o golpe sem hesitar.

— Melhor que ser boa só em uma coisa e falir mesmo assim.

Luiza ficou boquiaberta. Nunca se ofendera tanto ao ouvir uma constatação da mais pura verdade. A agência tinha sido a primeira coisa que ela tentara fazer, um sonho que ela tinha desde a faculdade e que ela e Amanda tinham construído juntas. E tinha dado certo — até não dar mais, o que tinha causado tanto estresse que destruiu seu relacionamento. Mesmo agora, ela não sabia o que fazer

exceto tentar juntar os cacos da sua vida e tentar formar algo mais ou menos parecido com o original.

Claro, não queria dizer que ela tinha que aguentar desaforo calada.

— Não consigo imaginar pular de uma coisa para outra, sem rumo, objetivo ou um plano — retrucou ela. — Mas acho que é esse tipo de pessoa que chega numa cidade desconhecida para chantagear uma estranha.

— E *eu* não consigo imaginar apostar todas as minhas fichas numa coisa só — disse Beatriz, dando de ombros. — Ou numa só pessoa. Se tu não for flexível, qualquer obstáculo te deixa bolado.

Só me faltava receber conselhos de vida de uma...

Seus pensamentos foram calados por uma buzina de carro e ela os deixou se dissiparem no ar.

Para chegar à cachoeira, tinham que percorrer um caminho que margeava o riozinho da cidade até chegar a uma trilha no mato. No caminho, passaram por um terreno baldio enorme, que existia ali desde que Luiza se lembrava como gente.

— Isso é ótimo — disse Beatriz, fazendo uma anotação no celular.

— O quê, o descampado?

— É o lugar perfeito para um piquenique ou andar de bicicleta. Ou fazer ioga! Ou rituais druídicos.

Luiza achou que parecia um conjunto incongruente de atividades, mas não disse nada. Olhou para a área às margens do rio. Se a prefeitura fizesse algumas reformas, aparasse as árvores ao redor ... As pessoas podiam trazer guarda-sóis...

Merda, ela tem razão.

Não que ela fosse admitir.

Seguiram por mais um ou dois quilômetros, então se embrenharam na trilha. Seria bem tranquila, se você não

estivesse de crocs nem morrendo de sede, mas ela se recusou a ficar para trás e liderou o caminho que conhecia bem desde a infância.

“Cachoeira” era um nome um pouco enganador para o lugar em que estavam indo — a queda d’água era modesta, um canto meio escondido em que os jovens de São Judas Tadeu frequentemente iam dar uns amassos. Por sorte, não encontraram ninguém. Emergiram bem na frente dela, e Beatriz ficou um longo momento encarando a queda d’água enquanto eram borrifadas por gotículas.

— Que foi? — perguntou Luiza.

— Nada — ela respondeu, sacudindo a cabeça e soando estranhamente sincera. — É só mais bonito do que parecia nas fotos.

Ela deu um jeito de encontrar possibilidades até ali, classificando uma reentrância como uma gruta e decidindo que a pedra em que viram os pais delas era um ótimo ponto para tirar fotos.

— E olha essa vista — disse Beatriz, apontando para cima.

Luiza se virou para um grande nada.

— Do quê? O céu?

— *Hashtag sunset lovers* — disse Beatriz, fazendo mais uma nota no celular.

A própria Luiza foi obrigada a tirar uma foto naquela mesma pedra — por motivos de divulgação, conforme explicou a outra, e que *pena* que ela não tinha se vestido melhor para a ocasião — e disfarçou o mau humor atrás de um sorriso que tinha certeza que ninguém poderia achar sincero.

No caminho de volta, fizeram um desvio para a tal casa abandonada, que Luiza encontrou depois de andar em círculos por um tempo e mandar uma mensagem sorrateira a Rogério pedindo direções.

— Tu estava perdida — acusou Beatriz, enxugando o suor do rosto. Era quase meio-dia e o calor estava insuportável. — A gente podia só ter perguntado pra alguém.

— Eu sabia exatamente aonde estava indo — retrucou Luiza, que não estava muito melhor.

O bairro na periferia da cidade tinha casas muito mais espaçadas entre ruas de terra e saídas para estradas que levavam aos municípios vizinhos. A casinha estava dilapidada, com telhas quebradas, a tinta descascando do lado de fora e janelas sem vidro. O jardim crescia descontrolado antes do muro baixo de ferro. A porta da frente — ou as lascas do que tinha sobrado dela — estava aberta.

Elas pularam o muro e entraram. Não havia nada dentro, só lixo e pedaços de móveis antigos e carcomidos por cupins. A estrutura devia estar ali há pelo menos uns cinquenta anos, julgando pelo rangido da madeira a cada passo que davam. Beatriz ficou encantada, é claro, e começou a tirar fotos como se estivesse num set de cinema.

— Satisfeita? — perguntou Luiza quando a outra começou a montar um cenário com pernas de cadeira quebrada. — Podemos voltar?

— Tá com medo?

— Não gosto de invadir propriedades alheias. Não que você possa se identificar.

— Bom, acho que é o bastante por hoje. Bora lá...

O fim da frase foi abafado por um uivo.

Não — não era bem um uivo, mas Luiza não saberia de que outro modo descrever o som que percorreu a casa, arrepiando cada pelo do seu corpo. Não havia qualquer movimento na casa, nem nada que ela pudesse ouvir acontecendo *fora* dela exceto o chilreio de pássaros.

As duas se calaram. Entreolharam-se.

— Por acaso é lua cheia? — perguntou Beatriz em voz baixa.

— É *meio-dia* — retrucou Luiza. — E lobisomens *não existem*.

— Então alguma outra coisa acabou de uivar.

— É só o vento — disse ela com uma confiança que não sentia, tentando convencer a si mesma mais do que Beatriz. Aqueles... acontecimentos estranhos em casa a tinham deixado nervosa demais. Precisava se controlar. — Vamos logo embora daqui, senão te deixo sozinha pra achar o caminho de volta.

Beatriz não resistiu, para o seu alívio. Luiza parou no primeiro ponto de ônibus que elas cruzaram e em pouco tempo estavam de volta no centro da cidade. Desceram na rua principal de São Judas Tadeu dos Milagres, uma via de mão dupla com comércios dos dois lados. Em dez minutos estariam de volta em casa, mas seria melhor almoçar fora porque não devia ter nada na geladeira.

Só que, antes que pudesse falar, sentiu o ar fugir dos pulmões. Do outro lado da rua, seu olhar tinha pousado em um rosto — o rosto de um idoso apoiado em sua bengala diante da lotérica, o que não seria nada de especial exceto que o homem estava *olhando para ela*.

E aqueles olhos...

Beatriz agitou a mão na frente da cara dela.

— Que foi?

Ela se virou depressa.

— Nada. Achei que... tinha visto um conhecido. — Quando se voltou de novo para a lotérica, o homem estava dobrando uma esquina e desapareceu em um segundo. Parecia muito mais velho, mas os olhos...

Ela sacudiu a cabeça, guardando o pensamento para outro momento. Começou a puxar Beatriz para um restaurante por quilo quando o celular vibrou no bolso.

Quase deu mais um pulo de susto, mas era só uma mensagem privada de Lucas.

Oi, Luiza! Aquele amigo que eu mencionei no outro dia está vindo pra cá! Ele deve visitar você amanhã! O nome dele é Oscar e é muito gente fina!! Valeuzão!!!

Bem, pensou ela enquanto concluía o tour de Beatriz por São Judas Tadeu dos Milagres, por que não receber mais um desconhecido em sua casa?

bia de boas @beatriz_ferreira

Pessoal, muito obrigada pelo interesse! Eu e a Luiza estamos aproveitando muito por aqui!

[Descrição de imagem: foto de duas mulheres jovens sorrindo na frente de uma cachoeira]

|

Atendendo a pedidos, aqui vai uma lista para os interessados:

TOP 5 LUGARES IMPERDÍVEIS DE SÃO JUDAS TADEU DOS MILAGRES

1. A praça central: é aqui que os moradores se reúnem para relaxar, conversar e curtir a boa vida do interior. Nos fins de semana, há uma feirinha de artesanato e petiscos. Uma delícia!

[Descrição de imagem: foto de praça com famílias passeando, cercada por negócios e com alguns estandes montados]

|

2. A torre da igreja matriz: esta igrejinha fofa fica na praça, mas o mais legal é subir na torre e ter uma vista incrível da cidade! É só falar com o simpático padre Osório que você consegue esse acesso exclusivo!

[Descrição de imagem: foto de um padre de meia-idade na porta de uma igreja]

[Descrição de imagem: foto de uma vista de uma cidade pequena do alto]

|

3. O parque: esse lugar foi um achado! A caminho da famosa cachoeira, esse terreno incrível está aberto para todo tipo de atividades ao ar livre. Traga sua bicicleta, sua cesta de piquenique e sua turma de ioga!

[Descrição de imagem: foto de um descampado amplo, cercado de árvores]

|

4. A cachoeira: esta é a famosa cachoeira de São Judas Tadeu, um lugar maravilhoso para passar um dia ao sol. A segunda foto mostra a gruta onde o mago sentava-se para meditar, segundo a Luiza me contou (informações exclusivas pra vocês!).

[Descrição de imagem: foto de uma cachoeira brilhando ao sol] [Descrição de imagem: foto de uma pequena gruta escavada na lateral da rocha]

|

5. A casa assombrada: essa é para os corajosos. Fiquei sabendo pelos moradores locais que essa casinha nos arredores da cidade está abandonada há décadas. Reza a lenda que um lobisomem a ronda às luas cheias...

[Descrição de imagem: foto de uma casa térrea abandonada, com as janelas abertas, a tinta descascada e as telhas quebradas]

|

Bom, esses são só alguns dos encantos dessa cidadezinha. Já me sinto com as energias renovadas!

4.

No começo, ele era gentil. Tratava-a bem, oferecia todos os confortos e dizia que a amava. Deixava-a mexer em seus tesouros e lia seus livros para ela, ensinando-lhe todo tipo de magia. A cada dia ela ficava melhor: tudo que era morto para ele respondia à vontade dela.

O sucesso com a rainha levou cada vez mais pessoas a pedirem os serviços do feiticeiro. Para atendê-los, ele precisava da criada. Enternecida pelas dificuldades dele, convencida por suas alegações, ela fazia tudo que ele pedia. O que era impossível para ele, para ela era tão simples quanto respirar ou caminhar – bastava fazer um desejo e ele se realizava.

Com o passar do tempo, o feiticeiro mudou. As palavras doces se transformaram em acusações. Ele a prendeu em sua masmorra e a obrigava a fazer todas as magias que ele mesmo não conseguia. Chamava-a de bruxa e coisa pior. Quando os amigos e familiares da criada iam perguntar sobre ela, ele batia a porta na cara deles. "Conte seu segredo", exigia ele noite e dia. E ela tentava explicar, mas não adiantava.

Oscar era um senhor dos seus setenta anos. Apareceu no sábado de manhã vestindo camisa social e um terno cinza-claro que contrastava elegantemente com a pele negra. Os óculos de aro quase sumiam no rosto e lhe davam um ar intelectual que era apropriado, uma vez que ele se apresentou como pesquisador de folclore, religião e magia de uma universidade do Ceará. Ao lado de Luiza na mesa da

sala, Beatriz rapidamente fez uma busca no Google e confirmou com um olhar de soslaio que a história conferia.

Luiza sentiu que havia algo familiar nele, mas não conseguiu apontar o quê.

— Agradeço novamente por ter me recebido com tão pouco aviso.

— Imagina, professor — disse Luiza, devagar. — O Lucas disse que o senhor se interessou pela minha... história? Como pesquisador? — *Putá merda*. Ela esperava que o homem não quisesse usar a embromação dela como fonte num trabalho acadêmico que seria dissecado por uma banca de cientistas.

Ele assentiu.

— Me interessei mesmo, mas não como pesquisador.

— Não?

— Além do meu trabalho acadêmico, também procuro histórias... incomuns, como a sua, no meu tempo livre. Foi assim que conheci o neto da sua vizinha. Ambos participamos de fóruns on-line sobre magia e assuntos afins.

— Ah — disse Luiza.

E o homem passava a impressão de ser tão razoável. Sensato. Uma pessoa que não se entregava a fantasias.

Um levíssimo sorriso brincou nos lábios dele. Oscar tomou um gole do café que ela tinha acabado de passar.

— Vejo que não é algo especialmente do seu interesse?

— ele perguntou com um olhar sagaz por cima dos óculos.

— Hm, não — ela admitiu. — Sei que muita gente ficou animada com os papéis que encontrei aqui em casa... — Ou revoltada; threads inteiras foram escritas por neopagãos alertando contra os perigos de brincar com o que não se conhecia. — Mas eu só queria compartilhar uma história. Não acredito em nada disso.

— Hmm — murmurou ele, sem parecer ofendido. — Bem, os meninos às vezes se empolgam, mas tenho que admitir que não vim porque acreditei na sua história. — Algo em seu tom sugeria que sabia muito bem que era tudo balela. Luiza sentiu uma onda de calor subir pelo pescoço e torceu para não estar muito vermelha. Oscar entrelaçou os dedos sobre a mesa e olhou para ela de um jeito que a deixou ansiosa pelo que estava por vir. — Tive outro motivo para vir. Eu conhecia Madalena.

Não era *mesmo* o que ela esperava.

— Minha mãe?

— Sim. Éramos colegas de faculdade no Rio de Janeiro. Não cheguei a conhecer seu pai porque me formei antes dela e saí da cidade, mas fiquei feliz quando ela contou do casamento. Acabamos perdendo contato com os anos, mas sempre a considereei uma amiga. — Ele fez uma pausa e revirou a xícara nas mãos como se estivesse perdido em lembranças, mas o momento passou depressa. Em seguida, ergueu os olhos. — E eu conhecia seu pai também. — Isso, para Beatriz.

Luiza ficou satisfeita de ver a outra tão espantada quanto ela, pela primeira vez.

— Sério?

— Sim. Foi ele que me apresentou à Madalena. — Oscar se endireitou na cadeira e seu olhar ficou mais intenso. — E fui eu que mandei a carta que você postou online, Luiza. A carta com o feitiço.

Luiza o encarou sem saber como responder. Qual era a etiqueta para uma situação dessas? *Ah, que bacana. Então o senhor é um mago de verdade?*

Beatriz se adiantou.

— Ah, que bacana! Então o senhor é um mago de verdade?

Oscar deu um meio sorriso irônico.

— Não sei se me definiria assim. Apenas passei a vida estudando as mais diferentes crenças e fenômenos, e sei que há tantas forças além da nossa compreensão quanto pessoas neste mundo. Vocês podem não acreditar — seu tom não era acusador —, mas os povos antigos, e aqueles que ainda se conectam com os conhecimentos deles, têm menos dificuldade em aceitar esse fato.

— Espera — interveio Beatriz de repente, reclinando-se na cadeira. — Então a mãe da Luiza era uma bruxa?

Luiza se virou bruscamente.

— *Quê?*

— Aquela carta começava com “pensei no que você me pediu” — recitou Beatriz, olhando para Oscar. — Então a Madalena sabia do seu... interesse particular. E acreditava nele.

Oscar deu um olhar demorado para Luiza, e ela estava começando a se cansar da reticência do homem — que claramente estava fornecendo informações a conta-gotas. Ele uniu os dedos de novo sobre a mesa e falou devagar.

— Carlos Eduardo... o quanto vocês sabem sobre ele e Madalena?

Luiza soltou o ar.

— Imagino, pelo teor das *outras* cartas que encontrei na gaveta da minha mãe e não postei on-line, que ele era um ex-namorado dela. Acertei?

Oscar assentiu gravemente.

— Sim, eles ficaram juntos por um tempo. Carlos Eduardo também era interessado, ou talvez eu devesse dizer *obcecado*, por magia. Especificamente, por objetos mágicos. Ele os colecionava, mas nunca foi capaz de usá-los, por diversos motivos.

Meu Deus, pensou Luiza. O homem falava como se aquilo fosse verdade, como se *objetos mágicos* existissem. E a ideia de que a mãe dela — sua mãe tão racional, que odiava

superstições — fosse amiga de pessoas assim era completamente incompatível com a lembrança que Luiza tinha dela. Ela precisava pôr fim àquela conversa.

— Que pena para ele — disse, ao mesmo tempo que Beatriz deu uma gargalhada repentina. — Que foi?

— Eu não acredito que o mago era mesmo um mago!

Luiza fechou as mãos sobre a mesa, exasperada, e soltou um suspiro. Nem sabia o que ia dizer antes que as palavras saíssem, mas aí não teve mais jeito.

— Eu inventei tudo. — O sorriso de Beatriz morreu; ela se girou com os olhos enormes faiscando com um alerta, mas Oscar só observava Luiza com a calma de sempre. — Eu usei o mistério da gaveta falsa e das cartas escondidas para criar uma história sobre o Carlos Eduardo. Tive um sonho sobre um circo que costumava passar aqui na cidade quando era criança e um conto de fadas que minha mãe me contava e joguei tudo no mesmo balaio. Nada disso significa nada. Nada disso é *verdade*.

— Não? Até onde sei, Carlos Eduardo jamais se apresentou num circo — a boca dele se curvou para cima como se a ideia fosse divertida —, mas quanto ao resto, você pode ter chegado mais perto da verdade do que imagina. Inclusive sobre esta cidade.

— Como assim?

— Alguns teorizam que certos lugares e pessoas tendem a atrair atividade mágica. É possível que São Judas Tadeu dos Milagres... como você sugeriu em sua história... seja um desses lugares com uma energia diferenciada. Há mais magia sendo feita aqui do que parece — ele acrescentou, enigmático.

E uma suspeita lampejou na mente dela.

— Professor, o que *exatamente* o senhor veio fazer aqui?
— ela perguntou. — Não acho que se deslocou até o interior

de São Paulo só pra me falar que a carta era sua. Podia ter feito isso pela internet.

— É verdade. — Uma pausa. Então: — Aconteceu qualquer coisa estranha nesta casa? Diferente?

Talvez fosse só impressão, mas os sons ao redor dela pareceram esvanecer de repente. O sangue entupiu seus ouvidos, revirando-se como as ondas no mar, e Luiza respirou fundo para dissipar o efeito.

— Não — respondeu, categórica.

Beatriz estava estranhamente rígida ao seu lado. Oscar apenas a observava como se soubesse que ela estava mentindo de novo. Porém, como Luiza esperava, não foi grosseiro a ponto de questioná-la.

— Ah — disse ele, por fim, tirando os óculos para limpar uma mancha. — Pensei que, se fosse o caso, eu poderia ajudar. Porque essa casa parece estar emanando magia. — Luiza sentiu todos os pelos do corpo se arrepiarem. *Não. Ele não pode saber. Porque não tem nada para saber.* — Mas se você diz que não percebeu nada de diferente... — Ele deixou a frase no ar.

— Não. Está tudo normalíssimo. Mais normal, impossível.

Caiu um silêncio cortado apenas pelos sons da praça que entravam pela janela aberta.

— Mas a gente visitou uma casa com uns ruídos bem estranhos — disse Beatriz, cortando o clima pesado. — Se o senhor quiser, envio a localização. Fica um pouco distante do centro, mas é fácil chegar.

— Agradeço, parece interessante. E espero não ter perturbado você demais com as informações sobre seu pai, Beatriz. Se é que ele é mesmo seu pai.

— Que é isso — respondeu ela, abanando uma mão. — Pelo que eu sei, é. Nunca conheci o sujeito, nem quero conhecer, mas gosto de uma boa história.

Oscar virou-se para Luiza de novo.

— Se precisar de mim, entre em contato. Estou hospedado com a dona Simone, é só passar na casa dela.

— O senhor vai ficar na cidade? — perguntou Beatriz educadamente.

— Estou de férias, então resolvi ficar um tempo aqui. E aproveito para ver o circo.

Luiza levou um momento para absorver as palavras.

— O... o circo? Que circo?

— Vocês não viram a notícia?

Beatriz pegou o celular e, após poucos cliques, deu outra gargalhada alta.

— Que foi? — quis saber Luiza.

— “O Circo das Fantasia volta ao interior de São Paulo após mais de uma década” — ela leu de alguma página. — “O circo em que o mago de São Judas Tadeu dos Milagres se apresentava nos anos setenta foi reestruturado sob nova direção e vai partir em turnê pelo Brasil pela primeira vez após a pandemia. Venha conhecer nossas atrações na grande reabertura etc. etc.”

— Eu não acredito — exclamou Luiza. — Não existe *uma* pessoa honesta nesse país?

— Vou avisar que a palhaça a gente já tem — disse Beatriz.

— É, eu estou olhando pra ela agora — resmungou Luiza. — Deixa eu ver isso aqui. — Ela puxou o celular e com algumas buscas rápidas confirmou a história e descobriu que o tal circo tinha fechado durante a pandemia, como vários outros. *Pelo visto a nova gerência encontrou um jeito de chamar a atenção do público.*

— Não vai quebrar meu celular — reclamou Beatriz, puxando-o de volta dos dedos rígidos de Luiza.

— Eu não queria surpreender vocês — disse Oscar.

— Imagina, foi bom ter avisado — respondeu Beatriz, abrindo um sorriso. — Eu, pelo menos, adoro um circo.

...

Luiza mal tinha fechado os olhos naquela noite quando ouviu rangidos na escada e os abriu de novo. Com as luzes acesas, ficou escutando atentamente, o coração começando a acelerar. Poucos segundos depois, a porta do seu quarto foi escancarada sem cerimônia.

Ela engoliu um grito quando viu que só era Beatriz, usando um conjunto de pijama com ilustração de uma princesa Disney e o cabelo preso no alto com fios escapando do coque.

— Quantas vezes preciso falar pra você não subir aqui? — perguntou Luiza, sentando-se na cama.

Em vez de responder, Beatriz entrou, fechou a porta atrás de si e anunciou:

— Eu vou dormir aqui.

Luiza sentiu a boca se abrir, mas só conseguiu soltar um fraquíssimo:

— Quê?

— Cansei de fingir que esta casa não está assombrada e não quero mais ficar lá embaixo sozinha.

Luiza engoliu em seco. Beatriz já avançava pelo quarto, colocando o celular ao lado do dela na mesa de cabeceira.

— Você não vai dormir aqui — ela protestou. — A casa não está ass...

— Não? — retrucou Beatriz. — Então por que tu ia dormir de luz acesa?

Pausa.

— Tenho medo do escuro.

— Com um edredom numa noite de quase trinta graus?

Mais um segundo.

— Eu sinto frio.

Beatriz ergueu uma sobrancelha impaciente e cruzou os braços, parada ao lado da cama.

— No começo eu achei que eram só os sons da noite mesmo, que a casa era velha. Mas daí comecei a prestar atenção nos barulhos... e tem vozes falando aqui dentro. E as sombras estão completamente doidas. E tu sabe perfeitamente de tudo isso. — Elas se encararam por um longo momento tenso. A voz de Beatriz ficou mais baixa. — Se quer mentir pro professor, é problema teu. Mas eu não vou ficar sozinha. Abra espaço aí.

Desgraçada. Ela *tinha* que vir ali cutucar coisas que deviam ser deixadas quietas. Se você colocasse fones de ouvido, mal dava para escutar os sussurros. E se as sombras às vezes formavam formas estranhas, que avançavam pelas paredes como dedos tentando agarrá-la, era só fechar os olhos bem apertado.

Aí ela absorveu o resto da frase.

— Você quer dormir na *minha cama*?

— Acredite, não é a minha conchinha dos sonhos. Se quiser ir pro chão, fique à vontade. — E ela empurrou Luiza para a parede, tirando o edredom de cima dela. — E não vou ficar suando aqui embaixo.

— Sai daqui! — gritou Luiza.

Mas Beatriz já estava se acomodando do outro lado da cama e chutando as cobertas para o chão. Luiza ainda tentou empurrá-la para o lado, mas ela era firme como uma rocha. Uma rocha loira e inconveniente.

— Vai, não acha melhor do que ficar com as luzes acesas e passando calor?

— Como você estar aqui vai melhorar alguma coisa? — perguntou Luiza.

Um sorrisinho cruzou os lábios da outra.

— Então tu admite que tem alguma coisa errada — ela disse, com um olhar de soslaio.

Luiza bufou e afundou de costas outra vez, espremida contra a parede e tentando não tocar a outra de forma alguma. Sua cama de solteiro definitivamente não tinha sido feita para duas pessoas.

— Estou torcendo — disse Beatriz — para o que quer que esteja acontecendo aqui ser menos pior junto com alguém. Mesmo que seja você. É o interruptor aí do teu lado? Apaga a luz.

Luiza *realmente* não queria, mas nunca ia admitir que estava com medo. Quando sua visão ficou completamente preta, ela esperou tão imóvel que quase esqueceu de respirar. Mas alguns momentos se passaram, a fraca iluminação que entrava pelas frestas da janela deixando o quarto na penumbra, e nada aconteceu. Talvez a trambiqueira tivesse razão e estar em dupla ajudasse a conter o que quer que estivesse acontecendo.

Beatriz virou para um lado, depois para o outro, depois de costas de novo. Quando pareceu enfim encontrar uma posição aceitável, Luiza disse:

— Aquela história de magia é insana. — Sua voz não saiu muito confiante, mais uma pergunta que uma declaração. — Você não pode acreditar no que ele estava falando.

— Um mês atrás eu até teria concordado — disse Beatriz, em voz baixa. — Mas tem algo estranho rolando aqui. Se ele sabe o que é, tu devia falar com ele de novo. — Ela suspirou. — E ele pode saber qual é a do rádio amaldiçoado também.

Luiza quase saltou da própria pele.

— Eu não falei pra você não mexer no galpão?!

— Não grita! E não devia ter falado para eu não mexer então, porra! Claro que eu ia mexer, se tu falar uma coisa

dessas! E se tivesse um corpo lá dentro?

— Eu estou *assim* de te chutar dessa cama. — E acotovelou as costelas da outra, mas a ameaça morreu nos seus lábios de repente.

Ela percebeu por que Oscar parecia familiar. Não era seu rosto — era sua voz. Ela a tinha ouvido entremeada com as vozes dos pais no rádio do galpão.

O que quer que estivesse acontecendo com o rádio — e o que quer que tivesse acontecido com a mãe —, Oscar sabia mais do que tinha contado. Se ela queria descobrir o que tinha se passado durante a visita de Carlos Eduardo e o desaparecimento da mãe, precisaria falar com ele.

Beatriz interrompeu seus pensamentos.

— Sem contar que vai ficar difícil vender uma casa assombrada...

— A casa — afirmou Luiza antes de fechar os olhos de vez — *não está assombrada*.

...

— A casa está um pouco assombrada — disse Oscar no dia seguinte. — Mas não do jeito que você está pensando.

— Que outro jeito existe? — perguntou Luiza, em pânico.

Ela tinha levado o rádio, embrulhado num cobertor, para a mesa da cozinha. Oscar, vestido mais casualmente hoje com uma camisa florida, ouviu as vozes que saíam do aparelho com uma expressão compenetrada e por fim se reclinou na cadeira. Beatriz tinha aberto um refrigerante e o tomava de canudinho como se estivesse assistindo a um bom filme.

— É mesmo a minha voz — ele disse, parecendo espantado e talvez um pouco maravilhado. — Lembro dessa ligação com a sua mãe. Ela estava preocupada porque

tinha levado algo de Carlos Eduardo quando o deixou e ele queria de volta... não sei o que era, ela só disse que usava para o seu trabalho.

— Trabalho? — perguntou Luiza. — No hospital?

— Sim. Era algum objeto que a ajudava a tratar de seus pacientes. Foi o único motivo de o ter levado, ela deixou tudo mais que Carlos Eduardo lhe deu enquanto namoravam.

— Está dizendo que minha mãe levava um, sei lá, *amuleto* pro trabalho? E acreditava que ele *fazia alguma coisa*?

Oscar fingiu não ouvir a pergunta e continuou:

— Esse rádio sem dúvida foi enfeitiçado, mas não acho que o objetivo era cuspir frases aleatórias. Considere isso um... efeito colateral de um feitiço que não foi completado.

— Feitiço. Certo.

— Vamos imaginar por um momento — sugeriu ele com a paciência de quem era professor havia décadas — que você acredita no que estou dizendo.

Luiza sentiu o rosto ficar quente. Mas não era ela que estava falando absurdos sobre feitiços, não é? Desculpe aí se era um pouco *cética*!

— Tsc — resmungou Beatriz. — Essa aí não tem educação. Continue, professor.

— Você, fique quieta — disparou Luiza. — Mas, sim. Continue, professor. Eu vou tentar... abrir meus horizontes.

Oscar sorriu muito de leve.

— Você tem dificuldade em aceitar o que estou dizendo apesar da prova à sua frente. — Ele apontou para o rádio, que continuava cuspidando palavras e estática. — Usamos termos como magia e feitiços porque são conhecidos da maioria das pessoas. Se for mais fácil, pense neste rádio como uma pedra erodida por um rio. A repetição é o que cria objetos como esse. Ações repetidas deixam resquícios

nas coisas e as imbuem de características especiais. Um brinquedo preferido, um talismã pessoal, qualquer coisa carregada pela pessoa por muito tempo, usada muitas e muitas vezes ou passada de geração em geração, pode ser energizada pela potência das emoções. E esses objetos podem ser empregados por outras pessoas. Às vezes, se criam sozinhos; às vezes, são criados intencionalmente.

— Como? — Quis saber Luiza.

— É aí que entram dois outros fatores essenciais — pontuou ele. Luiza quase conseguia se ver numa sala de aula. — O primeiro é a vontade, e por vontade quero dizer a força capaz de dobrar outras forças aos próprios desejos; as leis da natureza, do mundo e aquelas invisíveis e incognoscíveis que regem as pessoas. É preciso ter uma forte convicção. Já o segundo é mais complicado de explicar. Acho que podemos chamá-lo de conexão. Tudo que já investiguei sobre o assunto me leva a crer que a criação ou o uso desses objetos depende um elo entre a pessoa e resto do mundo. Essa conexão deve ser algo enraizado e profundamente importante para ela. Aqueles que não se importam com nada, que nada sentem e nada querem além do poder em si, têm dificuldade em praticar magia. — Oscar fez uma pausa, aí se virou para Beatriz. — Acredito que tenha sido esse o problema do seu pai.

A outra pensou por um momento.

— Ele era um mago de merda porque era um mané — resumiu ela.

— Acho que... podemos pôr assim — concordou Oscar diplomaticamente. — Como mencionei para vocês, Carlos comprava esses objetos. Mesmo jovem, ele tinha uma coleção bem respeitável. Acredito que sua família tivesse dinheiro... muito dinheiro, coisa de gerações, mas ele nunca nos deu muitas informações pessoais. E nunca lhe serviu para muita coisa. Ele não conseguia fazer nada com eles.

Ameaçou alguns vendedores, incluindo eu mesmo, dizendo que eram falsificações. Mas não é como se o mercado de itens mágicos fosse regido por leis de satisfação do consumidor, então havia pouco que podia fazer. Pelo menos nesse sentido — acrescentou ele após um segundo. — Era um homem com conexões e fortuna, e podia complicar a minha vida de outras formas.

Luísa se levantou e começou a andar de um lado para outro da cozinha. Não conseguia articular tudo que corria pela cabeça. De repente, parou e se virou para ele.

— Mas o senhor falou de feitiços. Como o que estava na carta que enviou pra ela, certo?

— As palavras também ganham poder, quando repetidas — ele explicou. — Quando são importantes o suficiente para alguém. Feitiços não são nada além de palavras que foram adquirindo poder ao longo do tempo; às vezes de geração em geração. Eles podem ser usados para criar objetos mágicos. Aquela carta que encontrou... sua mãe me perguntou se eu sabia um feitiço para afastar alguém perigoso de pessoas inocentes. Disse que queria ajudar alguma vizinha. Por motivos óbvios, não se deve falar feitiços em voz alta a não ser que se tenha a intenção de usá-los. Então enviei a carta através de um amigo que passaria por essa região. — Ele fez uma pausa e apoiou a mão no rádio, como se tentasse sentir algo nele, mas nada mudou. As palavras ainda saíam baixas e entrecortadas. — Pode tocar no rádio, Luiza?

Hesitante, ela encostou a mão no aparelho. A estática imediatamente explodiu na cozinha, como se alguém tivesse aumentado o volume ao máximo de uma só vez, e ela puxou a mão depressa. O som recuou até o nível anterior. *Inferno*.

— Como eu pensava — murmurou Oscar.

— Ela fez um feitiço defeituoso? — perguntou Luiza, ignorando o fato de que, em algum ponto da conversa, passara a encarar tudo aquilo como verdade.

— Madalena não era pessoa de fazer as coisas sem esmero. Não acho que haja um problema com o feitiço, ele só não foi concluído. Por isso esses fenômenos estranhos estão acontecendo. O rádio é a origem, o centro, mas os efeitos estão se espalhando para a casa.

— Odeio perguntar — disse Beatriz, erguendo uma mão —, mas como a gente conclui o feitiço?

— Não existe “a gente” — disse Luiza, no automático.

— Não sei — respondeu Oscar ao mesmo tempo. — Mas tenho certeza de uma coisa: cabe a você, Luiza.

Ela congelou.

— Eu?

— Os efeitos acontecem perto de você, o que me diz que o feitiço foi direcionado a você.

— Então minha mãe *quis* me atormentar com vozes macabras? — Ela queria arrancar os cabelos. — O senhor não é um mago também? Não pode exorcizar a casa ou seja lá o que vocês fazem?

— Duvido que sua mãe quisesse aborrecê-la — disse Oscar. — Mas, se ela direcionou o feitiço a você, ninguém mais será capaz de concluí-lo. Embora eu não possa dizer a você *como* fazer isso, tenho certeza que sua mãe não o teria lançado se não tivesse fé em suas capacidades.

— Então é possível direcionar um feitiço a uma pessoa específica? — perguntou Beatriz, interessada. — Por exemplo, se eu quisesse que ela — apontando para Luiza — pisasse num Lego todo dia de manhã?

— Acredito que muitas coisas são possíveis — respondeu Oscar. Então sua voz ficou ainda mais séria. — Luiza, escute bem: essa casa exala magia, mas ela está estagnada. O que é preciso para criar um objeto mágico

também é preciso para usá-lo: você não vai conseguir se não tiver força de vontade. Acredito que a magia esteja reagindo à sua presença e às suas emoções, então você vai ter que controlá-las para resolver a situação.

Ah, só isso?

— Ou eu vendo essa maldita casa e vou embora daqui — retrucou ela.

Oscar ergueu as sobrancelhas.

— Não quer saber por que Madalena se deu ao trabalho de enfeitiçar este rádio?

— Não era mais fácil deixar um bilhete? Mandar um e-mail? Que porra de mensagem é essa? — Ela respirou fundo para se controlar. Dois pares de olhos a encaravam, um mais gentil que o outro.

— Não há motivo para alarme — disse Oscar.

— Com todo o respeito, eu diria que há muitos motivos para alarme — murmurou Luísa, fazendo um gesto amplo que englobava toda a casa, ou, quem sabe, a sua existência.

— Nada do que você sentir ou ouvir vai feri-la — disse Oscar. — Esses sons parecem ser conversas que ela teve perto do rádio. Provavelmente coisas que estavam em seu íntimo quando lançou o feitiço. Lembranças. E — acrescentou ele, pensativo —, se ela deixou um feitiço em vez de uma carta, é possível que ele só tenha sido ativado porque você tem necessidade dele.

Luiza ruminou esta revelação por um momento. *Mãe, espero que seu rádio mágico me revele como conseguir um empréstimo e recuperar minha empresa e minha noiva e minha vida.*

— Professor, tem mais uma coisa que eu queria perguntar. — Ela fincou as unhas na palma. Essa parte era mais difícil do que tudo até então, talvez porque parecesse mais plausível do que toda aquela bizarrice. — Ouvimos uma história esquisita de dona Simone. — E ela contou

sobre a visita de Carlos Eduardo e o desaparecimento da mãe. — O senhor sabe algo sobre isso? Tem ideia do que aconteceu?

Oscar tinha parecido cada vez mais preocupado com o desenrolar da história, sua testa se enrugando.

— Nunca ouvi nada sobre isso — disse ele ao final. — Desculpe por não poder ajudar. Acho que você... vocês duas... já perceberam que Carlos Eduardo não era o melhor dos namorados.

— Eu tinha concluído pelas cartas fofas dele — disse Luiza, tentando dissipar o desconforto que se alojara na barriga. — Mas no fim deu tudo certo. Minha mãe teve uma vida feliz. Então talvez não importe? — Ela se perguntou quem estava tentando convencer.

Oscar olhou para o rádio outra vez, onde sua própria voz começara a falar de novo, vinda de trinta anos no passado. *O maior risco é... eu devolveria... shshsh... que seja uma pena.*

— Creio que ele deve ter vindo atrás do que quer que Madalena tenha levado — disse ele. — Mas você tem razão. O que quer que tenha acontecido, sua mãe conseguiu resolver. Ela era uma mulher excepcional, Luiza — acrescentou ele, com uma pontada de emoção nítida na voz pela primeira vez. — Corajosa, gentil e inteligente. Sempre usou suas habilidades, todas à sua disposição, para ajudar os outros.

— Mas morreu ela mesma de doença — disse Luiza, com a voz quase um sussurro.

— É capaz que tenha prolongado sua vida mais do que você imagina — disse Oscar gentilmente. — Que tenha aguentado até você e o seu irmão crescerem, até saber que vocês ficariam bem.

Ela queria dizer que então Madalena tinha se enganado, porque ela não estava crescida nem bem, que precisava dela

mais do que nunca. Olhou para o rádio novamente. O que estava escondido ali dentro?

Engoliu o nó que tinha surgido na garganta.

— Obrigada pela ajuda, professor, mas infelizmente eu não puxei à minha mãe.

...

— Oi, mãe — disse Beatriz no celular. Luiza parou no corredor, fora do quarto, e escutou sem querer. Sério. Não pretendia espiar, mas antes que pudesse ter um debate com sua consciência a conversa continuou. — Tudo bem, sim. E aí? Ah, é? O quê? Ela? Mãe, eu já disse que não é assim... nada a ver... não, não é *tão* ruim, mas... — Se ela estava se inclinando em direção à porta aberta, ninguém precisava saber. Mas o assunto pelo visto mudou. Beatriz riu alto. — Não, não ouvi nada dele. E nem quero. Certo... certo... fica bem, okay? Se precisar de qualquer coisa, me liga e eu vou aí na hora. Sério, não é problema nenhum. Eu sei. Eu sei. Também te amo. Tchau. — Um momento de silêncio, depois: — Vai ficar aí fora a noite inteira?

Luiza deu um pulinho, mas vestiu uma máscara de serenidade antes de entrar no quarto.

— Não queria interromper — disse com toda sua dignidade.

Beatriz, sentada com as pernas cruzadas na cama, revirou tanto os olhos que eles ficaram inteiramente brancos.

— Sua gentileza e tato são incomparáveis.

— Otária.

— Trouxa.

— Sua mãe está bem, então? — perguntou Luiza.

Por que estava tão desconfortável de repente? O tom de Bia — e se ela chamava a outra de Bia na própria cabeça

agora ninguém precisava saber — tinha soado muito diferente de tudo que Luiza ouvira até então. Livre de sarcasmo, para começar, e repleto de humor e carinho. O que era péssimo, porque Luiza não tinha qualquer intenção de pensar nela como uma *pessoa* fora do arranjo complicado que elas tinham, dentro do qual ela havia determinado a odiá-la para todo o sempre.

— Mais ou menos — respondeu Beatriz depois de uma pausa. Pareceu hesitar, girando o celular na mão, e encolheu os ombros. — Ela nunca se recuperou completamente depois que ficou doente ano passado, embora as sequelas tenham se aliviado um pouco. Mas eu fico preocupada. Ela está lá sozinha, e não temos muitos parentes que possam ajudar se precisar, saca?

— Aham. — Outra pausa desconfortável. *Vamos, Luiza, pensa num insulto pra jogar na roda.* Mas ela disse outra coisa. — Escuta, tem algo que você devia saber.

Beatriz ergueu uma sobrancelha, curiosa.

— No dia que a gente foi andar pela cidade... e ontem, quando eu fui ao mercado...

— O suspense está me matando.

— Eu acho que vi seu pai.

As sobrancelhas de Beatriz se ergueram até o cabelo.

— Quê? Tem certeza? Como?

— Quer dizer, *certeza* não — disse Luiza depressa. — Mas senti que era ele? Nunca vi aquele homem na cidade antes e, mesmo que eu não conheça todo mundo, ele era *diferente*. E os... olhos pareciam os dele — ela concluiu, meio envergonhada. O argumento soou fraco.

Mas Beatriz não pareceu precisar de mais convencimento.

— Bom... se ele está vivo e ouviu falar *disso* — ela gesticulou entre as duas —, faz sentido que tenha vindo

investigar. Mas é estranho não ter vindo falar contigo ainda. O que ele está esperando?

— *Comigo?* Eu achei que ele tinha vindo falar com você.

Beatriz deu um sorrisinho.

— Acha que ele veio atrás da filha, depois de todo esse tempo? Não, ele teve mais de trinta anos pra me encontrar. Duvido que tenha pensado muito na minha participação em tudo isso. Acho mais provável ter vindo te ver. Talvez queira conhecer a filha da ex-namorada, se ele era tão obcecado com ela quanto parece.

A possibilidade não tinha ocorrido a Luiza e ela acrescentou mais um motivo de ansiedade à sua coleção.

— Bom, uma hora ou outra a gente descobre — concluiu Beatriz.

— Nada te afeta, né? — perguntou Luiza, com um suspiro.

— Não vejo por que me preocupar demais com algo que não aconteceu ainda. Nem com um sujeito a quem não devo nada. Não vai deitar? — acrescentou, porque Luiza ainda estava parada no meio do quarto.

— Achei que você não ia mais vir aqui, sendo que acredita piamente em tudo que o professor disse.

— Ah, bom... — A outra pareceu encabulada pela primeira vez desde que elas tinham se conhecido. — Sem ofensas, mas... mesmo sabendo o que é, ainda é sinistro.

Luiza não podia culpá-la. Só deu um suspiro profundo e exagerado.

— Tá bom. Você fica grudada na parede hoje, então.

Ela se deitou de costas e Beatriz apagou a luz, começando seu ritual de experimentar todas as posições possíveis antes de finalmente sossegar o facho. Luiza não estava mais tão rígida quanto na primeira vez, e só reclamou um pouco quando um cotovelo encontrou suas

costas. *Acho que a gente se acostuma com tudo mesmo.* Mas então, como sempre, Beatriz teve que abrir a boca.

— E o que tu vai fazer quanto ao feitiço?

— Não sei se você reparou, mas eu não sei fazer magia.

— Também não sabe cozinhar, mas até agora a gente não teve uma intoxicação alimentar.

— Sinta-se livre para morrer de fome — retrucou ela. Beatriz respondeu só com um risinho, que soou abafado e próximo na escuridão que começava a ganhar contornos. Luiza suspirou. — Não tenho a menor ideia. Minha mãe não deixou nenhum manual de instruções. Mas também não posso só jogar o rádio fora.

A perspectiva de arrastar o rádio enfeitiçado consigo para onde quer que fosse pelo resto da vida lançou uma pedra no estômago dela. De repente, imaginou como seria contar aquela história a Amanda e quase riu alto. Tinha certeza que sua ex não encararia tudo aquilo com a tranquilidade de Beatriz. Tocou seu dedo anelar sem anel. O que será que ela estava fazendo naquele momento? Era estranho não ter mais contato com alguém com quem falava todo dia e compartilhava a vida. E como a vida *dela* tinha ido parar ali, dividindo a cama com uma desconhecida, no meio de um plano absurdo para tentar sair da falência?

— Hmm — murmurou Beatriz, já com um pé no sono. Bocejou alto e suas costas roçaram o braço de Luiza. — Oscar disse que tu ia descobrir, então relaxa. Vai que a resposta te vem de novo num sonho.

— Ah, claro.

— E podia ser pior... a casa podia estar mesmo assombrada.

— Literalmente não tem como isso ficar pior — disse Luiza.

Cedo demais. Porque, poucos segundos depois, seu celular vibrou na mesa de cabeceira e ela leu a pior notificação que já tinha recebido na vida.

Você foi adicionada ao grupo Comitê de Turismo de São Judas Tadeu dos Milagres.

São Judas Tadeu dos Milagres: A capital mística do estado de São Paulo

por [Carolina Mattos de Freitas](#)

21/07/2023 09h20

A cidade de poucos milhares de habitantes era praticamente desconhecida há um mês, quando uma moradora fez uma postagem que viralizou nas redes. Revelando uma carta de teor místico e uma fotografia antiga, contou uma história ouvida da mãe sobre um mago que passou pela localidade muitos anos antes.

“Só encontrei uns itens estranhos em casa”, explicou Luiza Duarte, “e contei para os meus amigos no Twitter. Não esperava que tivesse essa repercussão.” O tweet chegou até Beatriz Ferreira, que reconheceu o homem na fotografia como o pai e confirmou que ele se envolvia com atividades sobrenaturais. As duas se conheceram e trocaram figurinhas.

Foi o suficiente para eletrizar os usuários: muitas especulações se seguiram, lendas surgiram ao redor da figura misteriosa e o município se viu no centro da atenção daqueles em busca de ajuda espiritual. “Dá pra sentir a energia quando se chega aqui”, contou Sabrina de Assis, paulistana que veio com o marido passar o fim de semana em São Judas Tadeu. “É um lugar muito tranquilo, muito pacífico. Vê-se por que o mago veio em busca de iluminação.”

Entretanto, nem todos estão focados apenas na melhoria espiritual. “A rapaziada está enchendo os bares”, revelou Manuel Lima, dono de um estabelecimento na cidade. “Pra mim está ótimo, contanto que paguem.” O fluxo de turistas nas duas últimas semanas levou os moradores a abrirem duas pousadas e começar a alugar quartos pelo site Airbnb. Os são judanenses parecem estar surfando a onda de popularidade e a feirinha de

fim de semana agora fica montada de segunda a segunda na praça central da cidade. A chamada “gruta do mago” é outro ponto que atrai os turistas, que fazem fila para tirar foto no seu interior, assim como uma casa abandonada nos arredores da cidade em que supostamente se pode ouvir os uivos de um lobisomem.

Grupos de astrólogos, cabalistas e neopagãos de todos os tipos já vieram testar as propriedades mágicas da cidade. Não há consenso: muitos elogiam o local, mas alguns saem decepcionados e até acusam as duas mulheres de terem se aproveitado das crenças alheias. Já há protestos nas redes contra a história e até quem diga que todos os documentos foram forjados.

Os testemunhos sobre a existência do homem que inspirou tudo isso também são contraditórios. Alguns moradores dizem se lembrar da passagem dele pela cidade; outros afirmam que é tudo invenção. Uma corroboração chegou de uma fonte inesperada: o Circo das Fantasia anunciou que o Mago fazia parte de sua trupe nos anos 1970. O anúncio de reabertura do circo itinerante, que vai acontecer em São Judas Tadeu dos Milagres daqui duas semanas, aumentou ainda mais a procura dos turistas.

“Não sei nada dessa história de magia”, afirmou Simone Almeida dos Santos, 85 anos, que morou em São Judas Tadeu a vida toda. “Mas é bom ver as crianças se divertindo.” Ainda assim, nem todos os moradores estão muito felizes: o padre Osório de Campos diz que não tem sossego com os turistas pedindo para acessar a torre da igreja. “Tive que deixar a porta aberta, e eles entram e saem o dia todo”, contou ele. Como ele, outros também prefeririam que sua cidadezinha permanecesse fora do mapa, reclamando que os turistas perturbam a paz, fazem barulho até tarde da noite e sujam as ruas.

É inegável que a notoriedade transformou São Judas Tadeu dos Milagres. Se a moda vai durar ninguém pode dizer, mas a cidade é um bom destino para fugir da agitação da capital.

5.

Diante da confiança e das acusações do feiticeiro, a prisioneira por muito tempo acreditou em suas palavras venenosas. Pensava que alguém como ela realmente não poderia fazer nada melhor do que alguém como ele. Levou pouco tempo para o amor se transformar em medo, mas muito mais para a admiração virar desprezo.

Então, um dia, depois de muito pensar e planejar, ela escapou do castelo – sem levar nada consigo exceto o talismã com o qual tinha curado a rainha. Pensava no bem que podia fazer com ele. Um bem que ele jamais faria.

A moça recém-líbera conheceu um homem bom e foi morar com ele em seu vilarejo. Realizava curas com o talismã para o povo dali. Viveu feliz para sempre.

E esse é um bom fim para a história, não é? Quem sabe um dia, quando chegar a hora certa, eu conte outro pra você.

Uns cinco metros e várias pessoas à frente, a professora se esticou como uma cobra, as pernas para trás e o quadril encostado no chão. Luiza tentou imitá-la, sentiu alguma articulação se deslocar com um *tec* e decidiu só desabar sobre o tapetinho de ioga.

Beatriz deu uma risadinha ao seu lado. Óbvio que executava o movimento perfeitamente no campo aberto.

— Eu te mato — murmurou Luiza.

— Isso não é muito zen — respondeu a outra no mesmo tom, concluindo o alongamento.

Por sorte, a aula estava acabando. Luiza sentou-se e olhou ao redor distraída, espantando um inseto que tinha escalado sua perna. Além da aula de ioga, a qual por algum motivo tinha deixado Bia convencê-la a fazer, pequenos grupos faziam piqueniques, crianças jogavam bola com gols improvisados com latas de lixo, adolescentes brincavam com drones que zuniam no ar, e pessoas muito mais atléticas do que ela jamais seria corriam pelo perímetro. A prefeitura — após sofrer pressão do autointitulado Comitê de Turismo da cidade — tinha ajudado a limpar um pouco a área e acrescentado alguns bancos, mas de forma geral as pessoas tinham trazido tudo que era necessário para suas atividades. A coisa assumira uma vida própria.

Luiza viu uma figura familiar se aproximando à distância.

— Meu irmão chegou — disse ela, acenando para Rogério. — Ele, a esposa e... ai, não. É a dona Lívia. Por que ele tá falando com ela?

— Jesus — bufou Bia, olhando na mesma direção e enxugando a testa com uma toalhinha. — Boa sorte com isso.

— Por que “boa sorte”? Por que você não fala com ela?

— Mas é tu a filha pródiga de São Judas Tadeu — retrucou Bia com um tom inocente mais falso que o ouro dos seus brincos.

Elas se levantaram juntas, pegaram as coisas e encontraram os três no meio do caminho.

— Oi, Lu — disse Rogério. — A dona Lívia estava me dizendo que...

— Que é um absurdo uma loja daquelas abrir na frenteda igreja! — completou a própria. Era uma mulher na faixa

dos cinquenta anos que Luiza não conhecia bem antes das mensagens raivosas e das correntes de *fake news* que ela mandava diariamente no grupo do comitê. — Já é um desrespeito uma loja de feitiçaria abrir na cidade, mas bem ali? A gente sai do culto e vê um monte de gente suspeita!

Ela devia estar falando de uma lojinha de cristais e outros itens vagamente espirituais que não tinha exatamente aberto, mas sido adaptada a partir de uma pequena livraria decadente. Os turistas tinham começado a visitá-la em massa para comprar suvenires.

— E o que a senhora quer que eu faça? — perguntou Luiza, controlando a impaciência com esforço.

— Mande fechar — ela disse apenas, como se Luiza tivesse algum tipo de autoridade para fazer isso. Todo mundo no comitê parecia pensar que ela tinha poderes mágicos. *Mal sabem eles.*

— E se — interveio Beatriz com um sorriso — a gente mostrar que a fé é mais forte? O filho da senhora cuida daquela banca na praça, não é? Podemos falar com o seu Jaime, que é o dono da loja, sobre vender livros evangélicos junto com os cristais e atrair mais gente pro culto!

Luiza não colocava nenhuma fé no plano, mas, para a sua surpresa, dona Lívia não negou a ideia de cara.

— Bom, com certeza seria mais correto do que essas bobagens que eles estão fazendo por lá...

— Então ótimo — disse Beatriz, atropelando quaisquer dúvidas remanescentes e pegando o celular. — Vou anotar aqui pra falar com ele mais tarde e aviso a senhora pelo zap. Pode ser?

Luiza não sabia se estava impressionada ou horrorizada. Em um minuto, Bia tinha se livrado de uma das maiores pedras no seu sapato — e a mulher ainda tinha ido embora contente.

— Como você sabia que ela ia aceitar?

Beatriz abaixou a voz.

— Ela só está irritada porque os novos comércios vêm reduzindo os lucros da banca do filho... a dona Bárbara estava comentando outro dia. Sem contar que todo mundo sabe que a mulher fez uma amarração pra pegar o seu Jaime, então não tem muita moral pra ficar falando das crenças dos outros, né?

Luiza nem sabia quem era dona Bárbara, que dirá os interesses românticos de dona Lívia.

— Ah, claro.

Rogério ergueu uma mão.

— Oi, eu sou o irmão da Lu.

— Oi — cumprimentou Bia, saltando para dar um beijinho nele e na esposa. — Eu sou a... bem, é complicado.

— Ela riu; Rogério e Karina riram; Luiza revirou os olhos e mordeu o interior da boca. — Tudo bem? Acabaram de chegar? A gente ia fazer um piquenique!

— Desde quando? — perguntou Luiza.

— Legal! — disse Rogério, batendo numa enorme sacola que carregava. — Eu trouxe uns lanches também.

E os dois começaram a entabular uma conversa animada e saíram na frente para achar um lugar ao sol. *Rogério, seu traidor. Ela é nossa inimiga mortal.* Mas o pensamento não tinha mais a força de antes, substituído por imagens de uma convivência quase pacífica, com sessões de cinema na sala, conversas até tarde da noite, e uma presença reconfortante ao seu lado quando ela ainda acordava em meio a pesadelos estranhos. E se teve uma noite em que ela acordou e ficou olhando as costas da outra, traçando o contorno do seu corpo e imaginando como seria tocá-lo, Luiza não precisava pensar nisso.

Ela afastou a sensação desconfortável para um canto escuro da mente.

— Tudo bem, cunhada? — perguntou Karina quando elas começaram a seguir os dois.

— Ah, ótimo, tirando tudo — respondeu ela. — E vocês?

E enquanto Karina contava alguma história e ela assentia com os *hmms* e *ahhs* nos lugares certos, tentou entreouvir a conversa de Bia e Rogério. Beatriz estava falando suas impressões sobre a cidade, Rogério comentava sobre os moradores que ela já tinha conhecido, e nenhum deles abordava o elefante na sala — ou descampado, para ser mais exata. Por sorte, Bia não falou nada sobre Oscar nem o que ele tinha contado a elas. Rogério dormia como uma pedra, e Luiza esperava que sobrevivessem ao fim de semana sem que ele reparasse que forças ocultas agiam na casa.

Bia estendeu uma toalha que Luiza nem sabia que ela tinha trazido e eles se sentaram como uma das famílias ao redor, exceto que ela não conseguia parar de pensar em como tudo aquilo era *esquisito*.

— Então você não namora? — estava perguntando Rogério.

Luiza se odiou por como ficou subitamente alerta.

— Ah, bom, tinha um carinha que eu via às vezes...

— “Um carinha que eu via às vezes” — imitou Luiza. — Não precisa se comprometer *demais*, hein.

— Quer que eu diga o quê? É isso que ele era. Mas já acabou.

— Seus relacionamentos parecem durar tanto quanto seus empregos.

— E o que tem de mal nisso? — Bia deu um sorrisinho de lado que ela achou particularmente irritante. — Acontece que, quando as coisas dão errado, eu sigo em frente. Penso: foi só mais uma experiência. Não a *grande* e *única* oportunidade da minha vida dar certo e, agora que a perdi,

estou condenada a ser infeliz para sempre. — Ela deu um olhar significativo para Luiza.

— Pois eu acho — retrucou ela, sem conseguir se controlar — que é bom levar as coisas a sério. Significa que você se importa com elas o suficiente, que quer que durem e não começa já disposta a desistir.

— Eu nunca disse que começava querendo desistir, só que não fico obcecada em me agarrar a coisas... e *pessoas*... se está claro que não fazem bem pra mim!

— A Lu sempre foi assim — intrometeu-se Rogério, numa tentativa óbvia de apaziguar os ânimos. Luiza tinha esquecido da presença dos outros dois por um segundo e quase tomou um susto. — Quando ela mete uma ideia na cabeça, é uma mula.

— Muito obrigada.

— É verdade. — Ele olhou para Beatriz. — Quando tinha uns quinze anos, ela decidiu que ia ter uma banda de rock alternativo.

A cara de Beatriz, que tinha se fechado cada vez mais ao longo da conversa, abriu-se num sorriso maldoso.

— Ah, é? Conte mais.

— Conte *menos*, Rogério.

O maldito do irmão dela continuou:

— Ela fez a minha mãe comprar um violão usado, aprendeu a tocar usando revistas e uns manuais que achou on-line, e depois tentou aprender a cantar... eu lembro *bem* dessa época. Bom, não deu nada certo...

— Valeu, Rogério!

— E daí ela viu que precisava de uma vocalista e, tipo, outros membros na banda. O que não era muito fácil aqui em São Judas Tadeu. O povo aqui era mais do sertanejo, não do rock.

— Imagino — disse Bia.

— Mas aí ela deu um jeito de achar mais uma pessoa que gostava de música na escola e conseguia cantar mais ou menos e elas formaram uma dupla... e viraram um casal. Só que daí elas terminaram e a banda acabou também.

— Bem, não tem nada mais banda de rock que isso — disse Bia, rindo.

— E daí a Luiza nunca mais pegou num violão.

Beatriz se virou pra ela.

— Quê? Sério?

— Não foi bem assim. — Se bem que, pensando agora, talvez *tivesse* sido bem assim. Mas ela era adolescente, cacete. Tinha direito de ser dramática! — Eu só fui perdendo o interesse.

— E como você foi de guitarrista para agente de turismo?

— Ah... bom. — Ela tentou lembrar da época do vestibular e como tinha chegado naquela conclusão. — A gente nunca ia pra lugar nenhum... quer dizer, minha mãe estava sempre trabalhando e sustentava dois filhos sozinha, então não tinha nem tempo nem dinheiro. Mas, quando éramos crianças, ela sempre contava histórias e com o tempo eu fui me interessando por outros lugares. Não só contos de fadas. Pensei que seria bom trabalhar sempre conhecendo mais sobre o mundo... e ajudando as pessoas a realizarem os sonhos delas. — Ela parou de repente. Não pretendia falar tanto.

— E você foi pra algum desses lugares? — perguntou Bia.

— Quê?

— Sua empresa durou alguns anos, não? — disse ela, e Luiza nem queria saber o quanto ela tinha lido suas redes sociais pra descobrir isso. — Em todo esse tempo, pra onde vocês iam nas férias?

Luiza a encarou atônita por um momento. Para onde iam nas férias? A pergunta mais apropriada seria: *o que são férias?* Bia achava por acaso que era fácil abrir uma empresa — e fazê-la durar mais que um ano? Ela e Amanda trabalhavam sem parar e as épocas em que as pessoas mais tiravam férias eram seus momentos de mais serviço. Então, não. Ela não tinha realizado nenhum daqueles antigos sonhos. Seria mais fácil ter retomado a banda.

Por algum motivo, ela odiou a ideia de contar isso a Bia. Uma voz dentro dela sussurrou que seria admitir mais um fracasso. E uma voz ainda mais baixa, um murmúrio que veio das profundezas mais indesejadas da sua mente, disse que Bia ia achá-la patética. O que não deveria importar para Luiza, mas...

— Nada de especial — disse ela, vagamente. — A gente descansava. Via os amigos. E tal.

Algo difícil de interpretar cruzou o rosto de Beatriz por um momento.

— Hmm, saquei. Mas... ah! — Ela se interrompeu. Luiza seguiu o seu olhar e viu, a alguns grupos de distância, um homem de meia-idade acenando animadamente para Bia em meio à sua família. — É o Marcão!

— O prefeito? — perguntou Rogério.

— Por que você chama o prefeito de Marcão? — quis saber Luiza. — Não, espera. Por que você é *amiga* do prefeito?

Bia olhou para ela como se fosse óbvio.

— Pra conseguir fazer alguma coisa por aqui, né? Quem você acha que mandou ele limpar esse lugar? Ah, preciso falar com ele sobre construir um mirante lá na cachoeira. Já volto, galera!

E se afastou com passos velozes e determinados.

Por um momento, ninguém falou nada. Então o irmão se inclinou para perto dela.

— Gata, né?

— Essas são as mais perigosas, Rogério — murmurou ela, com um tom sombrio. — Não se esqueça *por que* ela veio aqui. E por que *ainda está aqui*.

Rogério não pareceu ligar muito.

— Como vai lá em casa? O que vocês andam fazendo?

— Nada — ela respondeu depressa. *Putá merda*. Se Rogério soubesse que Bia estava dormindo no quarto dela, ia pensar bobagem. — Ela trabalha no escritório e eu fico no meu quarto. E de vez em quando ela vem me atazanar com esses assuntos da cidade.

— No escritório?

Sim, porque Luiza tinha ficado irritada de ver a mulher toda torta no sofá e tinha aberto a porta do antigo quartinho do computador da família e mandado ela ficar por lá. Da última vez que passara na frente, Beatriz tinha colocado um vaso de flores na janela, e um dia as cortinas da sala tinham sumido, “porque esse negócio precisa ser lavado”. A outra estava ficando muito à vontade, pelo visto. E por algum motivo Luiza não estava protestando.

— É, ninguém estava usando — justificou-se ela.

Rogério espiou Beatriz conversando com o prefeito à distância, depois virou-se de novo para ela. Apertou os olhos. Luiza o encarou de volta. Até parece que ia perder para o irmão em um jogo de resistência psicológica. Não estava patética a esse ponto.

— Ceeeerto — disse Rogério enfim, como se a palavra arrastasse consigo várias questões, e virou-se para a esposa. — Amor, experimentou os lanches?

Luiza respirou aliviada. Agora só tinha que sobreviver ao fim de semana sem que Rogério ficasse ciente do rádio enfeitiçado na casa, de que ela vinha dividindo a cama com a sua chantagista e que o mago que ela tinha inventado era, ao que tudo indicava, um mago de verdade.

Uma sombra projetou-se em cima dela. Luiza se preparou para ver Beatriz, mas era o neto de dona Simone, usando uma camiseta de alguma banda indie recente de que ela nunca tinha ouvido falar e uma maquiagem invejável ao redor dos olhos.

— E aí, Luiza? — disse ele. — É o seguinte, tão querendo falar com você lá perto da barraca de pastel.

— Quem é agora?

— Não sei bem, mas pediram pra eu vir te chamar...

— Que inferno — resmungou, mas se levantou mesmo assim.

Passou por outra turma se alongando e uma família brincando com um cachorro, até chegar à meia dúzia de barracas que tinham sido montadas na margem do descampado. Logo achou a que o menino tinha mencionado.

E congelou.

Porque um senhor muito idoso a aguardava com as duas mãos apoiadas em uma bengala, e seus olhos eram inconfundíveis.

...

Carlos Eduardo a observou em silêncio por um longo momento, parecendo firme como uma rocha apesar do corpo muito velho e aparentemente muito frágil. As veias das mãos estavam salientes sobre a pele fina e a camisa social parecia pender do corpo, mas foi Luiza quem se sentiu sob risco de desmoronar.

As pessoas nas barracas ao redor pareceram sumir enquanto ela se aproximava, sentindo-se em meio a um sonho.

— Então você é a filha da Madalena. — A voz dele não tinha nada da fraqueza ou da gentileza que se esperava de

um senhor da sua idade. Mas, é claro, não havia como confundir aquele rosto com o de qualquer um dos velhos bonachões da cidade, e ela estava surpresa por ninguém mais estar encarando-o e perguntando-se quem seria. — Ladra como a sua mãe.

Luiza despertou do transe e cruzou os braços.

— Não fale assim da minha mãe.

Ele se virou se começou a andar. Irritada, ela viu que não tinha escolha exceto segui-lo. Eles acompanharam a cerca do terreno, saindo aos poucos da vista das pessoas. Ela caminhou ao lado dele. Os passos do velho eram curtos e lentos, mas confiantes.

Então, sem preâmbulo, ele disse:

— Sua mãe era uma vagabunda mentirosa e você pelo visto é igual. — Seu ritmo não vacilou. Luiza puxou o ar, mas ele continuou antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. — Seria ruim se eu pusesse fim a todo esse seu teatrinho, não?

Ela bufou. Já tinha considerado esse cenário mais de uma vez.

— Se você se apresentar como o homem da foto, isso só vai chamar mais atenção para a cidade. Não vai me prejudicar de forma alguma.

— Nem se eu apontar que você e a sua sócia estão tentando vender aquela sua casa caindo aos pedaços? Se me apresentar como um senhor doente que teve sua imagem apropriada por uma jovem mau-caráter que está espalhando mentiras por aí?

O ar sumiu dos seus pulmões. Como ele tinha descoberto que...? Mas é claro que tinha. Bia tinha feito a mesma coisa. Ela tinha sorte que nenhum jornalista tinha pensado em fazer o mesmo.

— Eu não acho que você vai fazer isso — ela disse após um momento. — Pra que se expor desse jeito? Ninguém

sabe seu nome e nem te vendo aqui as pessoas te associaram ao mago. Algo me diz que alguém tão... discreto quanto você não ia querer a exposição que isso traria. E você sabe muito bem quem é a “minha sócia”. Não quer falar com ela?

— Para quê? — ele respondeu apenas, como se ideia de conhecer a filha fosse uma perda de tempo tão grande que nem valia a pena ser considerada.

Ela se viu indignada por Bia e torceu a boca num sorriso amargo.

— Não posso dizer que ela está muito animada pra te ver também. Mas pelo visto você arranhou outra família. — E ela inclinou o queixo em direção à mão esquerda dele, onde uma aliança reluzia. — Vai querer trazer sua esposa pro meio disso tudo?

Carlos Eduardo ignorou a provocação e disse apenas:

— Sua mãe uma vez roubou algo de mim e eu a fiz pagar a dívida.

Ela o olhou pelo canto do olho.

— Pagar como?

— Com a única coisa que ela sabia fazer: uma cura. Mas ela fez um trabalho malfeito — acrescentou ele — e os efeitos estão passando.

Ela entendeu de repente.

— Você está falando de quando veio pra cá e tirou aquelas fotos.

Ele confirmou com um aceno.

— Isso foi há quarenta anos! Eu diria que foi um serviço *muito* bem feito!

— Eu preciso de um reforço — prosseguiu ele.

— E quer que eu faça o quê?

Ele lançou um olhar para ela, irritação faiscando nos olhos negros.

— Quero que faça a mesma coisa que ela. Use o mesmo objeto e fortaleça o serviço que sua mãe fez no passado.

Ele acha que eu tenho magia, ela percebeu de repente. *Acha que eu consigo curá-lo do que quer que ele tenha.*

— Que objeto?

— Você saberá quando for usá-lo.

— E se eu recusar?

— Então não terei escolha exceto contar a verdade. Não pense que vou hesitar. Os médicos não podem fazer mais nada por mim, o que significa que não tenho nada a perder arruinando a sua vida. Quanto a minha esposa... — Ele fechou a mão num punho e um sorriso curvou o canto do seu lábio. — Não se preocupe com ela. Não me fará hesitar nem por um segundo.

Ela parou de andar. Ele deu mais um passo, então se dignou a virar-se para ela.

— O que você fez com minha mãe? — perguntou Luiza de repente. — Quando veio pra cá, ela desapareceu por dois dias. Foi para te curar? O que aconteceu?

O rosto dele ficou completamente inexpressivo. Assustadoramente inexpressivo. Como se não houvesse nada por trás daqueles olhos frios.

— Você ouviu minha proposta — ele disse apenas. — O que diz?

Os pensamentos se atropelavam em sua cabeça. Ela precisava tomar muito cuidado. Precisava de *tempo* para refletir. Mas se admitisse que não podia fazer o que ele queria, aí sim ele não teria motivos para ficar de bico calada.

— Eu... eu não sou uma enfermeira, como ela. Imagino que saiba disso, se já investigou minha vida. — Ele assentiu. — Se eu puder fazer o que está pedindo... bom, preciso saber os detalhes da sua doença. Estudar as

orientações que ela me deixou. Senão, posso fazer mais mal do que bem.

Deus do céu, que isso seja um blefe convincente.

— Muito bem — ele concordou após um momento terrivelmente longo. — Deixarei os exames na sua casa. Mas não demore demais. Ouvi dizer que o circo em que — a boca dele se curvou para baixo — *eu* aparentemente me apresentava está vindo para a cidade. Você tem até o dia de abertura para tomar sua decisão. Se não, vou aproveitar a cobertura da mídia para expor *todos* os mentirosos dessa cidade. E aí — disse Carlos Eduardo —, você pode dizer adeus à sua farsa.

...

Beatriz esperou até Rogério e Karina voltarem para São Paulo no dia seguinte antes de deixar o antigo violão dela em cima da cama. Luiza saiu do banho e deu de cara com ele. A outra não estava em lugar nenhum.

— Onde você achou isso? — ela gritou para a casa.

Passos na escada, um rangido de madeira, e Beatriz surgiu do lado dela na porta.

— Entre o rádio enfeitado e o tanque amaldiçoado no galpão.

— Não tem nada de errado com o tanque.

— Não para de pingar.

— Precisa de um encanador, não um feiticeiro. — Ela olhou para o instrumento, sentindo uma pontada de nostalgia. Sua voz saiu num murmúrio. — Por que você foi atrás disso?

— Achei que tu podia me entreter.

— Nem sei se ainda lembro como tocar.

— Dizem que é como andar de bicicleta.

— *Ninguém* diz isso.

Mas só suspirou e foi pegar o violão. O coitado estava todo arranhado, e ela dedilhou as cordas. Sentou-se na cama e começou a afiná-lo.

— Bom, se acomode, então.

Bia sentou-se na outra ponta, cruzando as pernas, e Luiza tentou dissipar o frio que se espalhou na barriga. *Por que você está nervosa?* É só que fazia muito tempo que ela não tinha uma plateia. Por um momento terrível, achou que tinha esquecido completamente como tocar, mas seus dedos lembraram a posição de um acorde e logo outros se seguiram. Meio vacilante, enferrujada, ela dedilhou algo que parecia uma canção, e tentou lembrar a letra de um clássico do início dos anos 2000.

— Rogério tinha razão — comentou Bia após um tempo.

— Tu canta mal *demais*.

Luiza revirou os olhos, e a Bia — a exibida — começou a cantar por cima dela. Ela tinha que admitir que, quando as vozes se misturavam, a dela quase soava afinada. A de Bia abafava algumas de suas imperfeições e, ainda que o resultado não fosse ganhar nenhum concurso, ela sentiu-se estranhamente leve.

O som deixou um rastro para trás que pairou no ar entre elas.

— Nem acredito que ainda lembro alguma coisa — ela disse, maravilhada. — Mas meus dedos já estão doendo.

— O que aconteceu com a sua vocalista?

— Ela me largou uma semana depois de compor uma música sobre o nosso amor eterno. Pra você ver como adolescentes são volúveis.

— Acho difícil te imaginando volúvel em qualquer idade.

— Talvez. Eu sempre soube o que quis. Acho que é por isso que... — *Que agora não sei o que fazer. Não sei o que quero.* O pensamento foi alarmante; não era verdade, é

claro que ela sabia o que queria. Ela queria a sua vida de volta. Não queria? Emendou: — Por isso eu fico meio abalada quando as coisas dão errado.

— Acho que revitalizar uma cidade do interior é um belo jeito de ter uma crise de meia idade aos trinta e cinco. E às vezes o que a gente quer muda — acrescentou Bia, como se tivesse seguido a sequência anterior dos pensamentos dela. — Quem não muda acaba como meu querido pai, rondando uma cidadezinha por causa de uma mulher que o deixou há quarenta anos.

Bom, ela não receberia uma deixa melhor do que essa.

— Eu falei com o seu pai — revelou. Melhor arrancar o curativo de uma vez. — Ontem, enquanto você estava com o prefeito.

— Ah — disse Bia. — Tá explicado porque tu está desde ontem com essa cara.

— O que tem a minha cara?

— Anda mais fechada que o normal. E tu nem gritou comigo por deixar a toalha jogada na cama.

— E adianta gritar com você?

— O que aconteceu? — perguntou Bia. — Imagino que a conversa não tenha sido muito agradável.

Ela abaixou os olhos para o violão.

— Ele sabe... de tudo. — E resumiu a conversa com Carlos Eduardo, deixando de fora a parte em que ele desdenhava da ideia de conhecer a filha.

— Velho desgraçado — disse Bia ao final, esticando as pernas ao lado de Luiza. — Como ele ficou sabendo que você quer vender a casa?

— Imagino que do mesmo jeito que você?

Bia fez uma careta, como se a ideia de ter o mesmo raciocínio do pai a enojasse.

— Cacete. E eu não acredito que o filho da puta se casou! Quem será a pobre coitada?

Luiza deu de ombros.

— Bem, ela deve ter uma vida confortável, se ele é rico mesmo. Talvez não saiba de nada do passado dele.

Bia só soltou um murmúrio, com um ar pensativo, mas não disse nada por um tempo enquanto Luiza tentava lembrar algumas das músicas que gostava de tocar na adolescência. Durante uma pausa, sem aviso, ela voltou a falar.

— Sabe, acho que minha mãe nunca se recuperou de ter sido largada daquele jeito. — Luiza abaixou a mão e ergueu a cabeça. Os olhos da outra estavam duros, mas sua voz estranhamente branda. — Ela teve alguns namorados, mas a coisa nunca ficou séria. Fez malabarismos pra me criar sozinha, e só mencionou meu pai porque eu perguntei, uma vez, quando era criança. E me mostrou aquela foto. Eu não entendia direito a situação, mas vi que ela não estava contente de falar do assunto. Lembro que ela inventou alguma história sobre como ele viajava muito, por isso não podia ficar com a gente, mas aí cresci e entendi que ele só tinha nos deixado. — Ela fez uma pausa. Abaixou a voz. — Eu sempre jurei que ninguém me trataria assim.

Cem respostas diferentes cruzaram a mente de Luiza, mas o que acabou escapando foi:

— Eu nunca pensei que minha mãe teria namorado um cara como ele. Nunca suspeitei de nada assim no passado dela. Meus pais tinham o relacionamento perfeito. — As palavras começaram a sair sozinhas, incontrolláveis. Bia escutava com atenção, fitando os olhos dela. — Até meu pai morrer, todo mundo sempre disse que continuaram apaixonados. Minha mãe nunca saiu com ninguém depois dele. Talvez estivesse ocupada demais comigo e o Rogério, ou não tivesse muitos candidatos interessantes pela cidade, mas... eu sempre pensei que era porque ela ainda o amava mais que tudo. Eu queria algo assim. Pensava que tinha

achado. — Não, ela não ia começar a chorar agora. Engoliu o nó na garganta. — Levei um tempo ridículo pra acreditar que meu noivado tinha acabado mesmo. Ela *saiu de casa* e eu ainda esperava uma ligação dizendo que tinha sido um erro, e claro que ela ia voltar, e a gente ia dar um jeito em tudo. Quando percebi que isso não ia acontecer, sabe o que eu pensei? “Ainda bem que minha mãe não está aqui pra ver isso.” — Ela deu uma risada sem humor. — No fim, talvez ela tivesse... entendido. — Bia só a olhava, impassível, e algo compeliu Luiza a admitir algo que nunca achou que admitiria. — Acho que você tem razão de não deixar sua felicidade nas mãos de outra pessoa.

— Talvez.

— Talvez?

— Às vezes eu pensava na minha mãe e em todas as mulheres que tiveram que aguentar essas merdas caladas no passado... e ainda têm hoje... e sinto que é minha obrigação não ser feita de otária. Eu tenho condições pra não ter que depender de ninguém, o que é mais do que muitas delas tiveram. Saca? Mas talvez... *talvez* eu tenha ficado tão preocupada com isso que nunca deixei ninguém se aproximar de verdade. Não acho que tu estava errada em apostar todas as fichas na pessoa que amava. — Ela encolheu os ombros, sua voz ficou mais alta e o estranho feitiço que caíra sobre o quarto se quebrou. — Mas não vá ficar se achando. Estamos um a um.

Luiza soltou o ar em algo que não chegou a ser uma risada, mas teve que conter seus lábios que insistiam em se curvar para cima.

— Bom, agora eu preciso aprender a magicamente curar pessoas ou estou ferrada. Resumindo, estou ferrada.

A voz de Bia voltou a ficar prática, como quando ela tinha alguma ideia para implementar na cidade.

— Temos até a chegada do circo, certo?

Ela assentiu.

— A esposa talvez seja um caminho, apesar do que ele disse — refletiu Beatriz. — Talvez dê pra apontar pro velho que não vai ser legal para ele passar o resto da curta vida com uma mulher irritada com as atenções da mídia. Ou então a gente pode falar que vai contar pra ela do passado dele... e da sua filha ilegítima. Confie em mim, sou ótima em chantagear pessoas.

— Não diga.

Mais tarde, quando estavam na cama, com as luzes apagadas e ouvindo sons distantes com que estavam quase acostumadas, Luiza sentiu o peso dos dois últimos dias de preocupações secretas a puxarem para a inconsciência. Suas pálpebras se fecharam pesadamente e ela só retinha uma consciência vaga da presença de Beatriz atrás dela.

— Ei — disse Bia numa voz baixa, que soou reconfortante na penumbra. Uma mão talvez tivesse roçado o ombro de Luiza, mas o toque era tão leve que pela manhã ela já não teria certeza se foi real. — Não se preocupe com as ameaças do meu pai. Eu vou dar um jeito nisso.

Mas ela estava a um tropeço do sono, e as palavras flutuaram ao seu redor e se dissiparam como um sonho distante.

6.

De todas as ligações que ela esperava receber naquela semana, a última que imaginou era a imobiliária. Luiza deixou a louça na pia, enxugou as mãos depressa e pegou o celular.

— Chegou uma oferta — disse o corretor. Ela arquejou na cozinha vazia. Beatriz tinha saído, como vinha fazendo nos últimos dias, enquanto Luiza se mantinha enfurnada em casa com medo de topa com Carlos Eduardo na rua. — É uma família querendo uma casa no interior. Não ofereceram o valor novo que você pediu, mas não está muito longe. Vou encaminhar a proposta para o seu e-mail, certo?

— Certo, certo — concordou ela depressa. — Eu aguardo.

— Analise com calma e me diga o que acha.

Poucos momentos depois chegou um e-mail, que ela abriu com os dedos trêmulos. De fato, não era o valor exato que Bia tinha sugerido, mas estava muito acima do que ela tinha sonhado quando voltou para São Judas Tadeu. Ela encarou o número talvez por alguns minutos, um nó de emoções complicado no peito. Não sabia com quem falar primeiro.

Antes que pudesse tomar uma decisão, soou a campainha. Não seria Bia, que já tinha uma chave, e ela não estava esperando visitas. Aproximou-se na ponta dos pés,

espremida contra as paredes, até conseguir espiar por uma fresta da janela. Como suspeitava — e temia —, era uma das senhoras do Comitê de Turismo. *Inferno*.

A campainha tocou de novo.

Hoje não. Ela pegou uma cadeira, voltou para o jardim e, seguindo o exemplo de dois jovens feiticeiros amadores, pulou o muro da própria casa para a rua lateral. Por sorte, ninguém passava na viela tranquila e ela não viu ninguém até seguir para a rua de trás, onde topou com Oscar encarando-a enquanto regava o jardim de dona Simone. Ele arqueou uma sobrancelha — provavelmente porque Luiza estava se esgueirando como um assaltante em plena luz do dia, com o cabelo preso no alto com uma caneta.

Ela se aproximou do muro baixo.

— Oi, professor. Estou fugindo.

— Quer entrar? Simone saiu, mas deixou bolo para um batalhão.

Luiza olhou para trás, temendo ver uma senhorinha surgir da viela como um espectro. Suspirou.

— Adoraria, na verdade.

Ela nunca tinha entrado na casa, mas era exatamente o que imaginaria se tivesse pensado nisso por meio segundo. Muitas fotos da família, paninhos bordados, móveis de madeira sólida provavelmente passados de geração em geração, um laboratório químico.

— Quê — disse ela, estancando na frente do quarto cheio de tubos, frascos e líquidos estranhos sobre uma escrivaninha.

— Ah — disse Oscar, sorrindo e fechando a porta. — Coisas dos meninos. Não se preocupe com isso.

— Quer saber? — ela disse. — Não vou mesmo. Já vi esquisitice suficiente.

Ela se sentou na sala de jantar e Oscar emergiu da cozinha com um lanche completo, não só o bolo.

— Tomo a liberdade porque sei que Simone iria me dar uma bronca se eu não estendesse a hospitalidade da casa.

— Não vou me opor — ela disse.

— Está tudo bem, Luiza? — ele perguntou, se sentando à frente dela. — Você parece meio abatida. Viu Carlos Eduardo de novo?

Ela tinha mandado uma mensagem para contar sobre o encontro, mas não mencionara nada sobre a chantagem do velho. Afinal, era problema seu. Não queria fazer Oscar se envolver novamente com um sujeito que, pelo visto, já tinha lhe causado problemas no passado. Mas agora sua determinação vacilou. Ela só tinha mais dois dias antes que o circo chegasse e Carlos Eduardo quisesse uma resposta.

— Não, não vi. Só está tudo meio... confuso. Não sei o que fazer com o feitiço, sinceramente. Os efeitos estão melhorando, até. Nos últimos dias quase nada caiu no chão, mas o rádio continua cuspidando as vozes.

Ele sorriu, os olhos cintilando atrás das lentes.

— Fico feliz de ver que você aceitou em parte o que está acontecendo. É bom libertar-se dos preconceitos.

— Eu não sou preconceituosa — ela protestou.

Ele encolheu os ombros.

— O desprezo por aquilo que não entendemos é um tipo de preconceito. — Sua voz não se alterou, mas na suavidade das palavras Luiza sentiu todo o peso da censura de uma mãe e abaixou a cabeça para o seu bolo. — Também é bom considerar nossos privilégios. Afinal, é uma sorte você poder falar de tais assuntos e não sofrer consequências por isso. Para muitas crenças nesse país, não é assim. Algumas tradições ainda são reprimidas e bruxas ainda são literalmente queimadas.

Ela sentiu o rosto esquentar.

— Não pensei por esse lado — ela admitiu. — Não achei que iria machucar ninguém. E ainda tenho dificuldade em

aceitar tudo isso, mas... agora vejo que fui ignorante de muitas formas.

— Admitir é o primeiro passo — ele disse, generoso.

— Bom, obrigada pela ajuda, de toda forma.

Ele fez uma leve careta.

— O que foi?

Ele tomou um gole de café.

— Não fui inteiramente honesto em nosso primeiro encontro.

— Em que sentido?

Ele suspirou e reclinou-se.

— Até entrar na sua casa, eu não *sabia* que estaria enfeitiçada. Vim mais para ver você.

— Me ver? Por quê?

— Como disse, fui perdendo contato com Madalena ao longo dos anos — respondeu ele, devagar. — E só descobri o quanto o relacionamento dela com Carlos Eduardo foi... nocivo quando ela já estava aqui e me ligou para perguntar sobre ele. Ou talvez eu soubesse e tenha me enganado, na época, pensando que não era da minha conta. Eu me ofereci para vir pra cá na época, mas ela recusou. E, infelizmente, eu aceitei. Agora não paro de pensar no seu desaparecimento.

— Descobrir toda essa parte da vida dela tem sido estranho, pra dizer o mínimo.

— Eu devia ter insistido — ele disse com um suspiro. — Naquela ocasião e antes, quando eles ainda namoravam.

— Não foi culpa sua — assegurou Luísa. — Tenho certeza que ela nunca pensaria isso.

— Também creio que não — ele concordou, devagar. — Mas a culpa é uma daquelas coisas que sentimos independentemente do que dizem os outros. Acredito que eu poderia ter sido um amigo melhor. E, como ela resolveu

tudo sozinha, eu queria ver se poderia ajudar você de qualquer forma. Mas nem isso consegui.

— O senhor ajudou muito — ela disse com sinceridade.

— Nem sei como teria continuado em casa sem saber o que estava acontecendo. Mesmo que eu não consiga resolver, é um alívio ter mais informações.

— Fico contente — ele disse, com um sorriso.

— E se precisar de qualquer coisa enquanto estiver na cidade, me avise. Se bem que o senhor parece bem acomodado por aqui...

Ele fez um gesto casual enquanto pegava um pãozinho fresco.

— O povo daqui é muito hospitaleiro. Ah! — disse de repente. — Descobri outra coisa. Você mencionou que Carlos Eduardo estava casado agora, não foi?

— Isso.

— Contatei um colega da minha área — Luiza sabia que não ele não se referia à universidade — e ele pareceu muito surpreso com isso. Falou com Carlos mês passado e não viu nenhum sinal dessa mudança de estado civil.

— Talvez tenha acontecido nas duas últimas semanas? — ela sugeriu, mas sua voz indicava dúvida.

— Talvez, mas acho improvável. Sinceramente, estranhei quando você me disse. Não me parece o Carlos que eu conheço. Ele disse mesmo que era casado?

— Disse... não, espera. — Ela repassou a conversa que tiveram. — Na verdade, ele só me deixou acreditar nisso. Mas usava uma aliança, tenho certeza.

— Talvez não fosse uma aliança de casamento.

Quanto a minha esposa... não se preocupe com ela. Não me fará hesitar nem por um segundo.

É claro. Luiza era uma besta, e ele a tinha enganado sem sequer mentir.

Mas por que usar uma aliança? Será que já tinha vindo com a ideia de enganá-la? Parecia improvável; ela podia nem ter reparado no anel. Ou então...

Ou então a tinha trazido porque precisava dela. Porque esperava que Luiza a usasse como a mãe tinha usado.

A aliança que ela tinha levado quando o deixou.

A aliança que usou para tratá-lo da primeira vez.

A aliança que os moradores a acusaram de ter tirado quando desapareceu com Carlos Eduardo.

Mãe, o que aconteceu? Por que você nunca me contou?

Mas talvez ela tivesse contado, muito tempo antes.

De repente ela percebeu porque a sensação de que toda aquela história era familiar a incomodava desde que tinha falado com dona Simone, porque o feiticeiro na masmorra e a mulher atrás de grades não paravam de espreitar os seus sonhos. Parte dela talvez já soubesse.

A história.

As palavras também ganham poder, quando repetidas.

Então ela entendeu.

— Luiza? Tudo bem?

Ela olhou para Oscar e sorriu — um sorriso que não sabia se queria ser feliz ou triste.

— Professor, eu sei como terminar o feitiço.

...

À noite, quando Bia abriu a porta da frente, Luiza estava no sofá com pastas abertas e documentos espalhados à sua frente na mesinha de centro.

— Não entendi nada disso — disse ela como cumprimento, fazendo um gesto para os exames médicos de Carlos Eduardo.

— Nem eu — admitiu Beatriz. — Só sei que não parece nada bom.

Luiza se levantou e respirou fundo.

— Bom, espere aqui. Já volto.

— O que...?

Mas ela já estava atravessando o corredor e a cozinha, indo até o galpão para pegar um rádio que imediatamente explodiu em vozes e ruídos quando ela se aproximou. Dessa vez, não se deu ao trabalho de embrulhá-lo. Quando chegou à sala, Bia já estava encostada no sofá, com um olhar inquisitivo.

— Você pode...? — pediu Luiza.

Bia assentiu e tirou os papéis da mesinha, onde Luiza depositou o grande aparelho. Quando tirou as mãos dele, as vozes se tornaram uma estática baixa.

— Nova peça de decoração? — perguntou Bia.

— Não. Eu descobri como terminar o feitiço.

Isso fez Bia se endireitar no sofá.

— Sério?

Luiza se sentou ao lado dela, mas encarou o rádio enquanto falava.

— Quando cheguei aqui, na primeira noite, tive um sonho confuso. Partes dele se repetiram nos dias seguintes. Achei que era só meu subconsciente misturando eventos do passado, mas agora imagino se talvez tivesse algo a ver com o feitiço. — Ela balançou a cabeça. — Não importa. Quando a gente era criança, minha mãe vivia contando contos de fadas e histórias.

— Tu mencionou.

— Ela adaptava e inventava histórias, especialmente depois que eu disse que preferia casar com uma princesa do que ser uma. — Ela viu o sorriso de Bia pelo canto do olho. — Tinha algumas histórias que ela repetia, mas uma delas... eu não sei como não pensei nisso antes... uma delas obviamente era a história *dela*. Foi a história com que eu sonhei, que eu usei para construir toda a mentira sobre o

mago. E ela me contou essa história muitas vezes. O jeito como a contava era diferente, o começo era esquisito, e eu acho que... que se eu começar a contá-la, vou conseguir lembrar como era. Eu acho que a história é o feitiço.

Bia não disse nada por um momento, então:

— Quer ficar sozinha?

— Não — respondeu ela, sem hesitar. — Não. Isso tem a ver com o seu pai também. E mesmo que não tivesse, eu iria querer que você estivesse aqui. — Ela se virou com trepidação.

Bia a olhava de um jeito penetrante que ela não sabia como interpretar, mas que não tinha nada de hostil. Só assentiu uma vez.

— Muito bem — disse ela. — Então me conte uma história.

— *Era uma vez* — entouou Luísa — *um homem muito poderoso...*

Como suspeitava, a memória despertou a cada palavra. Talvez não fossem as palavras exatas que a mãe tinha usado, mas ela esperava que fosse o suficiente. Bia ouvia com atenção, um ou outro sorriso ou momento de surpresa indicando que reconhecia os fatos que inspiraram cada trecho.

Luiza parou na última frase que se lembrava. Na promessa que a mãe fazia ao final, mas que nunca cumprira.

E então a estática explodiu no rádio com um estouro que assustou as duas. As janelas estremeceram; as lâmpadas piscaram no lustre acima delas; e a voz da mãe, perfeitamente nítida, começou a sair do aparelho:

O feiticeiro ficou furioso quando viu que a criada o tinha deixado e ainda levado o talismã. Apesar de tudo, ainda se considerava melhor que ela. Era mais rico do que qualquer

peessoa poderia desejar ser e sua fama tinha se espalhado por muitos reinos, mas isso não o satisfazia. Envenenado pela inveja e o rancor, ele foi ficando cada vez mais recluso. Então, um dia, adoeceu. Procurou todos os curandeiros possíveis, prometendo recompensas magníficas, mas nenhum deles foi capaz de ajudá-lo.

Sua única esperança era ela. Assim, partiu para encontrá-la.

Quando o viu no vilarejo, ela ficou aterrorizada. Mas ele agiu de forma completamente diferente: gentil e conciliador. Foi simpático com ela e o marido. Ela sabia que era um truque, sabia que não podia acreditar nele, mas, quando descobriu o que ele queria, apesar de tudo, a mulher ficou com pena e aceitou curá-lo.

Foi a vez dele se vingar: após a cura, roubou o talismã de volta e saiu do vilarejo à noite. Furiosa, a mulher partiu atrás dele sem dizer nada a ninguém, esperando alcançá-lo. Depois de muito vagar, percebeu que ele tinha se escondido mais perto do que imaginava.

Quando o encontrou, o feiticeiro escarneceu de suas acusações. “Só peguei o que era meu! Você não era nada sem mim e ainda me roubou! Roubou minha magia!”

“Você nunca teve magia”, retrucou ela. Não era mais uma criada ou prisioneira; entendera que o mago jamais a tinha amado e apenas se aproveitara de seus talentos. “Me fez pensar que eu não valia nada, mas encontrei alguém que valoriza tudo que eu sou.”

E disse palavras amargas que não combinam com uma heroína, e acusações cheias de uma raiva que passava seus dias tentando esquecer e controlar.

Ele só zombou. E então, de repente, ela percebeu que queria feri-lo. Nunca quis ferir ninguém antes.

Pensou em quem a aguardava em casa e controlou a raiva. Também temia o que o feiticeiro podia fazer. Ele não estava de

todo errado ao acusá-la de roubo, e ainda era um homem poderoso. Então disse a ele: “Eu lhe darei o talismã, por mais que ele não vá ajudá-lo em nada, mas nunca mais volte aqui. Senão contarei a todos que você é, e sempre foi, uma fraude. Sei que ainda se importa com sua reputação mais do que tudo.”

O feiticeiro ficou furioso e ergueu a mão contra ela. Apesar de todo o tempo que tinha se passado, ela se encolheu, por um momento ainda uma moça indefesa numa masmorra.

Exceto que ela não era indefesa.

O talismã podia ser usado para o mal tanto quanto para o bem, e quando ele pôs as mãos nela, ela também o tocou, e os instintos e o medo e a raiva agiram, e ela o fez sentir uma fração da dor que ele lhe tinha infligido por todos aqueles anos. Os gritos dele ecoaram na noite, terríveis, e ele desabou ao chão.

Até que ela parou, horrorizada.

Jogou o talismã aos pés dele.

“Tome”, disse a ele. “Leve isso e nunca mais apareça aqui.”

E foi embora.

Até hoje, nunca mais o viu.

Voltou para casa aterrorizada, mas o marido não fez perguntas nem exigências. Só queria saber se estava bem. E ela percebeu com mais clareza do que nunca a diferença entre os dois homens e pensou com vergonha em todo o tempo que tinha passado sob o jugo do feiticeiro e em como tinha se comportado.

O tempo passou. A vergonha foi mais difícil de passar.

Ela teve filhos e não quis que jamais soubessem de nada daquilo. Não queria que a vissem como nada além de forte, nem que descobrissem como ela tinha se rebaixado, mais de uma vez, e traído seus princípios.

Mas naquela casa que tinha escolhido para si, com o homem que tinha escolhido para si, percebeu também que nunca teria uma vida plena se não se perdoasse. Então, aos

poucos, não deixou o passado para trás — porque ele nunca fica para trás, filha —, mas decidiu que ele não a acorrentaria mais.

E aí, dessa vez pra valer, viveu feliz para sempre.

Quando a última palavra foi dita, o rádio se calou. De vez. Nenhuma outra voz emergiu, e a estática evaporou no ar. Luiza sentiu o feitiço se concluir e a magia dissipar, e só na sua ausência percebeu inteiramente como ela tinha permeado a casa durante todo aquele tempo.

Era um alívio respirar livre, mas também se sentia como uma criança sem seu cobertor, exposta aos monstros que espreitavam no escuro.

Fale mais, pensou. Conte mais.

Mas não havia mais nada. Os últimos segredos tinham sido revelados.

— Porque ela esperou até agora pra me falar isso? — perguntou Luiza, a voz falhando. — Quando não estava mais aqui para eu dizer que não fez nada de errado? Que aquele filho da puta mereceu?

— Talvez ela soubesse que tu diria isso — sugeriu Bia gentilmente. — O professor disse que o feitiço respondia aos teus sentimentos, né? Talvez ela só quisesse que soubesse dessa história se precisasse de uma... orientação.

Tudo aquilo só para dizer a ela para deixar de perseguir sonhos que já tinham morrido fazia tempo. *Você podia só ter deixado um bilhete na geladeira, mãe. Mas obrigada. Captei o recado.*

— Escute — ela disse a Bia, respirando fundo. — O talismã da história... é a aliança do seu pai. Ele não é casado. Não vamos conseguir usar a esposa dele para influenciá-lo.

— Ah — disse Bia, não parecendo muito chocada. — Faz mais sentido. Mas não tem problema, eu pensei num jeito de...

— Eu sei.

— Sabe? — Bia parecia confusa.

Luiza sabia como iria resolver aquilo. A parte difícil não foi descobrir, claro. A parte difícil seria fazer o que era preciso. Antes, porém, ela tinha outro assunto para resolver.

— Preciso falar com meu irmão sobre uma coisa. Talvez fique aqui embaixo um tempo.

— Tá bem, vou deitar. Estou acabada, o Comitê ficou horas discutindo as licenças para os estandes ao redor do circo... — Ela se levantou e lançou um último olhar para Luiza antes de subir as escadas. — Estarei lá em cima.

Luiza assentiu. Ficou olhando para o rádio e os exames por um longo tempo, matutando as últimas palavras da história, até tomar coragem para pegar o celular.

Rogério atendeu depressa.

— Oi, Lu. Fala.

— Rogério, é o seguinte... chegou uma oferta pela casa.

Houve um momento de silêncio.

— Ah, é? — perguntou o irmão, com uma animação que soava meio forçada. — Que ótimo! Então deu tudo certo? Você já aceitou?

— Não. E não sei se vou aceitar.

— Como assim? O valor não é bom?

— É ótimo. Mas primeiro eu precisava perguntar... você quer vender a casa?

O silêncio se estendeu um pouco mais.

— Bom... a gente precisa vender, né? — ele disse. — Senão, como que você vai fazer pra...

— É que eu nem perguntei, né? Só fiz o que achei que precisava para recuperar o que eu perdi. Se isso não fosse um fator, se você tivesse que decidir sozinho, o que faria? Falando sério.

— Ah, bem... — Ele hesitou. Luiza quase conseguia imaginá-lo coçando a cabeça. Por fim: — Acho que eu não venderia. Quer dizer, é a nossa casa. Seria estranho nunca mais voltar pra aí, né? Ou ir pra São Judas Tadeu um dia e ficar em outro lugar, enquanto outra pessoa mora aí... sei lá.

— Entendo.

— Mas eu não ligo se você decidir vender — ele acrescentou depressa.

— Certo. Vou pensar a respeito. Falo com você depois.

Ela desligou e não se mexeu por um tempo. Era estranho ficar na casa sem que nada batesse, rangesse ou sussurrasse em seu ouvido. O silêncio abria espaço aos seus pensamentos, e ela sentiu uma vontade intensa de subir e deitar-se ao lado de Bia.

Mas antes havia um lugar aonde precisava ir, então se levantou e saiu silenciosamente da casa.

...

Pegou um ônibus noturno quase vazio até a periferia da cidade e andou pelo resto do caminho. A caminhada era um pouco assustadora de noite, com a estrada deserta e as casas distantes, os postes formando poças de luz em meio ao breu. Os sons da noite chegavam até ela, pássaros, insetos, o farfalhar da vegetação — assim como a impressão de estar sendo observada. Apesar de um instinto arraigado de procurar perigo em cada canto, especialmente depois de morar na cidade grande por tanto tempo, ela se forçou a continuar.

Não demorou muito para chegar à casa.

Onde ficava a porta, só um espaço aberto e negro, como a boca aberta de uma fera. A brisa agitava as plantas

emaranhadas e retorcidas do jardim sem cuidados. Ela cruzou o portão de ferro e entrou na casa.

Era ainda mais sinistra na penumbra, iluminada apenas pelo luar que entrava pelas janelas entreabertas e a porta. Viu uma barata se afastar às pressas para um canto escuro, parou no meio da sala e ficou escutando. Captou os mesmos rangidos que ouvira em casa tantas vezes. O mesmo vento sussurrante, exceto que dessa vez não dizia o seu nome.

E a maior diferença, claro, era aquele uivo longo e lamentoso, que fez sua pele arrepiar outra vez.

Agora soava mais como um grito.

Ela o ouviu se aproximar. Não se virou.

— Está me seguindo?

— Pedi que me avisassem sobre seus movimentos — disse Carlos Eduardo, entrando atrás dela. Não especificou quem seriam as pessoas que a estavam vigiando, e ela preferia não saber. — Imaginei que viria para cá. Queria ver a sua cara quando entendesse.

— É você, não é? Gritando?

Os passinhos dele trituravam as sujeiras no piso, sua bengala fazendo um *tec-tec* no assoalho de madeira podre enquanto percorria o perímetro da sala.

— Sua mãe era tão arrogante... se achava tão *superior*. — A voz dele soava desdenhosa. Luiza duvidava que a mãe já tivesse se sentido assim; era mais provável que Carlos Eduardo lhe atribuísse seus próprios sentimentos. É claro, agora que sabia da história toda percebia que ele sempre fizera isso. A voz dele assumiu um tom bem-humorado. — Porém, no fim, se tornou tão ruim quanto dizia que eu era. Não mais a enfermeira altruísta, só uma puta raivosa.

— Pode tentar rebaixá-la para o seu nível o quanto quiser, isso nunca vai ser verdade — retrucou Luiza. Sequer sentiu raiva; percebeu que jamais convenceria aquele homem, nem sentia vontade de tentar. Ele que acreditasse

no que quisesse até o fim de sua vida miserável. Então sorriu. Sua mãe talvez não aprovasse aquele sorriso maldoso, nem a mesquinhez do seu próximo comentário, mas Luiza era Luiza e não conseguiu se controlar. — E você perdeu a viagem. A única coisa que eu sinto ao ouvir seus gritos é satisfação. Ela teve uma vida feliz, sabia?

— Nesse fim de mundo? — A voz dele cortou o ar, ríspida.

— Nesse fim de mundo — ela confirmou. — Com um homem infinitamente superior a você, e com uma família que a amou até seu último respiro. Entenda, eu também fracassei em muitas coisas, então sei como é *irritante*. E fico feliz de saber que você terá que viver com isso. — *Mesmo que não por muito tempo.*

Carlos Eduardo não disse nada por um longo momento, o silêncio cortado apenas por um uivo distante.

— Amanhã será um dia agitado — disse ele enfim. — Espero que tenha tomado sua decisão.

Ela poderia mentir, mas estava cansada disso. Claro, também não precisava dizer a verdade. Tinha aprendido algo com ele, no fim das contas.

— Sim, eu tomei minha decisão. — Virou-se para ele enfim. — Encontre-me amanhã e vamos acertar as contas.

...

— Onde tu foi? — perguntou Bia, acordando com um susto quando ela entrou no quarto. O celular ainda estava na mão; pelo visto, tinha cochilado sem querer.

— Fui dar uma volta para espairar — ela disse. Tirou os sapatos e se aproximou, sentando-se na beirada da cama.

Bia piscou para ela, sonolenta.

— O que foi? — perguntou com um bocejo.

— Bia — ela disse, sentindo um terror mais profundo do que quando tinha falado com Carlos Eduardo, mais profundo do que quando pensava no que teria que fazer em seguida. — Eu não posso vender a casa.

Segurou o fôlego. *Lá vem.* As recriminações, reclamações, quem sabe até ameaças...

— Ah — disse Bia, espreguiçando-se. — Já estava ligada.

Luiza soltou o ar.

— Como assim?

— Comecei a pensar que era uma possibilidade. Tu anda mais confortável por aqui. Decorando a sala. Mudando a disposição dos móveis. Tornando a casa *tua*. E o Rogério adora esse lugar, tá na cara. Não tem problema.

— Mas a casa... o dinheiro... a sua mãe...

— Já te disse pra não se preocupar com isso. Amanhã vou dar uma palavrinha com o meu pai e resolver tudo isso.

— É mesmo? — ela perguntou, sem convicção. Duvidava que ele estaria muito disposto a ouvir os apelos da filha.

— Aham. — Bia sorriu na penumbra, radiante. Luiza guardou aquele sorriso na memória, sem saber se o veria depois do dia seguinte. — Vai ficar tudo bem.

Por um segundo, ninguém disse nada. Então:

— Se achava que eu ia dar pra trás, por que continuou aqui?

Houve um momento de silêncio. Bia se ajeitou na cama; seus olhos talvez tivessem desviado para a parede, mas estava escuro demais para ter certeza.

No entanto, sua voz saiu confiante como sempre.

— Eu não podia largar o Comitê de Turismo na mão. Óbvio.

Luiza conteve um sorriso.

— Claro. E se não há mais assombração na casa, por que ainda dorme aqui?

Outra pausa. Então:

— Tu tem medo do escuro.

— É verdade. — Ela pensou em coisas que gostaria de dizer, mas não adiantaria nada fazer isso agora. Ela se levantou. — Bom, eu preciso de um banho. Pode voltar a dormir.

Fechou a porta do quarto suavemente. Não via a hora de jogar aquelas roupas na máquina e esfregar todas as lembranças daquela casa dilapidada do corpo. Antes, porém, tinha algo a fazer.

lu(tando) @luizaxduarte

Não sei bem como dizer isso, então aqui vai: como alguns suspeitavam, o mago não é real. Eu inventei a história toda, baseada em documentos antigos da minha mãe. Ele era só um ex-namorado dela.

|

A @beatriz_ferreira não sabia de nada. Ele é mesmo o pai dela, e era mesmo interessado em ocultismo e viajava pelo país, e ela não tinha como saber que eu tinha mentido sobre toda a história do circo ou a energia da cidade.

|

Fiz isso basicamente porque queria valorizar a cidade pra ver se conseguia vender minha casa. Estou envergonhada da proporção que a coisa tomou, e só queria enfatizar que ninguém aqui tem culpa disso. Espero que ainda venham visitar São Judas Tadeu e se divertir aqui.

vandallsa @isafpoliveira

EU SABIA

0 compartilhamentos 18 curtidas

dim do marketing @dimitrividal

MAS QUE FILHA DA PUTA

2 compartilhamentos 45 curtidas

duane @messbaggins

@gatinhalicia não dá pra acreditar em nada mesmo lá se foi nossas esperanças de ajuda espiritual

0 compartilhamentos 2 curtidas

Felipe @fhs36825485

TINHA QUE SER ESQUERDISTA

10 compartilhamentos 45 curtidas

Jota Paula @seuxuxu09

Ah, tá. Até parece. O próprio circo admitiu que era verdade.

2 compartilhamentos 12 curtidas

|

maria lays @acquadarcys

mas se ela tá falando que é mentira? o circo deve tá mentindo também

1 compartilhamentos 6 curtidas

|

Jota Paula @seuxuxu09

e o povo da cidade tb? vc acha que esse monte de gente ia falar coisas tão parecidas? tão encobrindo alguma coisa... a coisa ficou grande demais e querem esconder a verdade

5 compartilhamentos 45 curtidas

|

ju no catarse @juvith

bom do mago eu não sei mas fui na tal casa assombrada e TEM UM LOBISOMEM FANTASMA SEI LÁ O QUE LÁ MESMO gente eu juro

15 compartilhamentos 137 curtidas

|

nana candido @nanainpixels

eu fui lá no fim de semana passado e falei pra uma senhorinha simpática que precisava de um emprego e ela me disse que eu ia conseguir e quando voltei pra casa TINHAM ME CONTRATADO!

12 compartilhamentos 136 curtidas

|

valquíria @garotabl34

vai por mim, no mínimo o mago que fez ela falar tudo isso... ele não deve querer ser encontrado...

3 compartilhamentos 54 curtidas

7.

Sete da manhã. Beatriz acordou sozinha, alongou-se e pegou o celular. Viu suas notificações.

E quase caiu da cama.

Só então reparou no bilhete deixado na mesa de cabeceira.

...

Meia hora mais tarde, na rua de trás, numa casa com um muro baixo, uma senhora tomava café na cozinha com seu neto, outro garoto que era praticamente seu neto, e um novo amigo.

— Nada de celular na mesa, Luquinha — disse a idosa.

— Mas vó, tá um bafafá! Você viu, professor? — E ele olhou para o senhor à sua frente, que já estava usando camisa social apesar do dia prometer calor.

Ele olhou para Lucas de trás dos óculos.

— A Luiza me mandou uma mensagem hoje bem cedo, para me contar da sua decisão. Só espero que isso não a prejudique...

— Ah, semana que vem já tem uma treta nova e todo mundo já esqueceu — disse Lucas, abanando a mão. — Mas que coragem, *no mínimo* ela vai ter que deixar a conta privada...

— A senhora precisa tricotar alguma coisa especial pra essa Luiza — opinou Heitor, devorando uma fatia de torrada com geleia. — A mulher tá fodi...

— Heitor!

— Desculpa, desculpa.

Mas ela estava mesmo pensando em fazer isso. A menina tinha parecido tão espantada quando foi perguntar da mãe e dona Simone queria ajudar como pudesse. Madalena tinha sido uma mulher muito boa e criado dois filhos tão queridos, e ela bem entendia como os jovens podiam se sentir perdidos às vezes.

E afinal — dona Simone era bruxa fazia pouco tempo, mas sentia que tinha uma dívida com sua antecessora em São Judas Tadeu dos Milagres.

...

O sino da igreja badalou às oito e meia. Uma série de pessoas entrava para a missa, a maioria das barracas da feirinha já estava erguida e organizada, e o claque-claque de itens de metal, vidro, plástico e papelão ocupava a praça. Com certa dificuldade, Bia sorriu para os vendedores por quem passava em resposta aos cumprimentos deles.

Viu Luiza de longe. Ou melhor, ouviu a pessoa com quem ela falava, pois dona Lívia estava ao lado da banca do filho, vociferando algo sobre *reputação* e *falta de vergonha na cara* que ela preferia nem escutar.

— Mas eu *achei* — retrucou Luiza, com aquele tom de quem estava a um passo de explodir — que a senhora não gostava dessa história de magia.

— Mas agora ficamos parecendo uns mentirosos! Todo mundo aqui na cidade lembra do mago!

— *Como eu já disse*, ele *não era* um mago...

— E como fica a nossa imagem? O Comitê de Turismo?

Bia aproveitou a deixa, aproximando-se ligeira.

— Tenho certeza que a gente vai sobreviver a esse golpe. Afinal, parece que o dia aqui vai ser movimentado, apesar de... qualquer coisa que possa ter acontecido... e a tenda do circo já está erguida. Vão ser três apresentações só hoje! Vai dar tudo certo, dona Lívia. Tente relaxar.

A mulher se afastou bufando. Bia quase entendia — ela mesma estava a fim de gritar com alguém.

Por sorte, tinha a candidata perfeita à sua frente. Luiza estava com o cabelo preso de qualquer jeito, fios castanhos escapando do coque, e olheiras profundas.

Parecia chocada de vê-la ali.

Bia cruzou os braços.

— Muito dramático o teu bilhete. Achou que eu ia embora fácil assim?

— Só achei que podia não querer estar aqui para... tudo isso — ela inclinou o queixo na direção de dona Lívia. Abaixou a voz, sua frustração evidente. — Faz meia hora que estou sendo puxada de um lado para o outro. Todo mundo tem uma opinião e quer saber o que minha confissão significa para São Judas Tadeu. Como eles ficaram sabendo tão rápido? Esse povo nem sabia o que era o Twitter até mês passado! E como se não fossem eles que ficaram falando de lobisomens pra quem quisesse ouvir!

— Bem, eu uno minha voz à do povo. Por que tu foi fazer isso?

— Eu precisava tirar Carlos Eduardo da minha cola — respondeu Luiza imediatamente, como se fosse óbvio. — Agora, ele não tem mais nada pra usar contra mim.

— *Luiza*. Olhe pra mim. Eu falei que eu ia resolver, não falei? Tu não precisava ter...

— Mesmo assim — disse Luiza, embora não parecesse acreditar nem um pouco nela. — Eu *precisava*. — Ela suspirou. — Fui eu que comecei toda essa bagunça. Não me

sinto mal pelo seu pai, mas você estava certa na primeira vez que conversamos. Eu me aproveitei de uma história que não era minha. Que era sua... da sua mãe... e da minha. E agora que eu sei *toda* a história... bom, não sei como explicar, mas eu precisava falar a verdade.

— *Eu sei explicar* — ela disse. — É uma penitência. Tu quer se punir, porque ninguém mais vai fazer isso. Muito cristão da sua parte, aliás, vou chamar o padre Osório pra te mandar rezar um terç...

— Um homem sábio uma vez me disse que a gente não depende de ninguém pra sentir culpa — cortou Luiza. — E eu acho que a punição também não devia ficar nas mãos dos outros. — Ela deu um sorrisinho torto. — E, sabe? Por mais que eu não possa nem *abrir* minhas notificações no momento, é bom saber que fiz algo que Carlos Eduardo realmente não esperava. Mas eu vou te manter fora disso, não se preocupe — acrescentou ela depressa, com um olhar ridiculamente sincero. — Já estraguei seus planos de vender a casa, então...

— Desse jeito, tu vai me fazer querer confessar tudo também. Por sorte, não preciso.

— Eu sei. Você não fez nada de *muito* errado...

— Não que eu não adore te ouvir admitir que sou um anjo cheio de boas intenções, mas eu não preciso porque ninguém acredita na sua confissão.

Luiza estreitou os olhos, como se esperasse uma pegadinha.

— Como assim?

Bia estendeu o celular para ela.

— O que... exatamente... eu estou lendo?

— Uma thread explicando a grande conspiração que existe por trás da sua “confissão”, que foi só um jeito de esconder a existência do mago depois que ele te ameaçou... ou fez um acordo contigo. As pessoas não chegaram a uma

conclusão sobre isso. Tem uns dizendo que o mago já morreu, mas há grupos que querem esconder a existência dele. E outros defendem que, embora você tenha mesmo inventado a história, na verdade ela foi psicografada.

— Mas eu *confessei*!

— É a internet, Luiza. Não existe nada mais suspeito que a honestidade. Bem ou mal, a história ganhou vida própria e fugiu das nossas mãos. — Ela encolheu os ombros, olhando ao redor. A feira estava animada, contando com o pessoal que vinha ver a estreia do circo para gastar muito. — Podia ter sido pior, acho.

— Ainda não acabou — apontou Luiza, com um olhar grave.

— Não. — Ela estreitou os olhos. — Onde tu estava, aliás? Estou te procurando há mais de uma hora.

Luiza suspirou.

— Passei no cemitério — disse ela, desviando o olhar. — E em um outro lugar.

Bia assentiu e não pediu detalhes.

Então abriu um sorriso e entrelaçou o braço no dela.

— Bom, vamos lá. Sabia que eu nunca fui ao circo?

E, embora Beatriz não estivesse ciente disso, elas saíram andando por um caminho que Luiza não percorria havia muito tempo.

...

Às dez e quinze da manhã, duas pessoas conversavam em um caminhão que servia de camarim.

— Dá pra entender que nem todo mundo queira ficar sob os holofotes — disse o homem em resposta à entrevistadora do portal de notícias. Ele usava jeans, uma camisa simples e uma camiseta com o logotipo do Circo das Fantasia bordado no peito. Era o atual gerente do

empreendimento. — Imagino que a moça esteja cansada de todo esse rebuliço.

— Então o senhor ainda afirma que o mago realmente se apresentava no seu circo?

— A história bate com os nossos registros — respondeu ele apenas. Olhou para a câmera que a mulher tinha disposto num canto, encolheu os ombros e deu um sorriso misterioso. — Mas, claro, cada um acredita no que quiser.

A entrevista seria vista mais de 50 mil vezes no YouTube, inspirando discussões acirradas na seção de comentários.

...

A grande tenda do Circo das Fantasia foi instalada para além do descampado, às margens da estrada que levava para as cidades maiores do interior. Quando surgiu à vista, vermelha com estrelas brancas, Bia soltou um assobio demorado.

— Melhor do que eu esperava, pra falar a verdade.

Luiza concordou com um murmúrio. Estava obviamente nervosa. Ficava olhando para os lados, talvez querendo evitar mais encontros com conhecidos intrometidos, mas provavelmente com medo de ver um velho específico.

Ela não devia ter feito aquela bobagem, mas parte de Bia a admirava por isso.

No entanto, ninguém as abordou enquanto seguiam em direção ao circo. As pessoas já se moviam pela área, incluindo muitas famílias com crianças, para ver a estreia da matinê. Mais carros do que ela já tinha visto em São Judas Tadeu — a maioria provavelmente de turistas — estavam espremidos num terreno próximo. Por sorte não tinha chovido, senão o chão de terra seria pura lama. Ela avistou conhecidos, desconhecidos, gente parando nas

barraquinhas para comprar bebidas ou pipoca ou lanches, gente gravando vídeos no celular e tirando fotos que iriam parar nas redes sociais.

Bia gostaria de dizer que era tudo graças a ela, mas as coisas tinham saído do seu controle bem depressa. Em vários sentidos.

Luiza pegou o celular.

— É o Rogério — informou ela, depois de ler uma mensagem. Olhou ao redor. — Ele disse que já está por aqui, mas não estou vendo... ah, olha, o professor!

As duas ergueram a mão para acenar para Oscar, que passeava com dona Simone na margem da tenda. Os meninos não estavam à vista, mas os dois conversavam compenetrados. O professor as viu, sorriu e acenou de volta.

— Vamos entrar — sugeriu Bia. — Fale pro seu irmão que vamos sentar mais ao fundo, mas que é para ele pegar um lugar na frente.

— Hm... tá bom.

As pessoas já começavam a entrar para a apresentação das onze, e ela puxou Luiza para a entrada da grande tenda. Entregaram os ingressos para uma moça com roupas espalhafatosas e entraram no grande espaço, já agitado e barulhento enquanto as pessoas encontravam seus lugares. O picadeiro ao centro era rodeado por várias fileiras de cadeiras de metal, e Bia as guiou decisivamente para a mais exterior, perto de um corredor.

Sentiu uma leve decepção ao ter que largar o braço de Luiza, mas se acomodou e pôs a bolsa na cadeira à sua direita.

— Tire isso daí — sussurrou Luiza. — Espero que *ele* tenha ido embora, mas se não tiver...

— Duvido que tenha ido — respondeu ela. — Porque eu mandei ele me encontrar aqui.

Luiza a encarou com pânico.

— Oi?

Ela sentiu um canto do lábio se curvar para cima.

— Não posso deixar meu pai ir embora sem nem me apresentar, né? — Então olhou para Luiza e sentiu o estômago embrulhar. — Mas, se preferir, pode sentar com o Rogério. Sério. Tu não precisa estar aqui para isso.

Luiza pareceu seriamente tentada a fazer isso mesmo, mas comprimiu os lábios como se tivesse engolido um remédio especialmente ruim.

— Não. Vou ficar com você.

Bia não se opôs. E, enquanto passava o tempo até o início do espetáculo tirando fotos para postar nas redes, tentou ignorar como as palavras ecoavam em sua cabeça sem parar.

A tenda se encheu depressa. Pouco tempo depois, o mestre de cerimônias surgiu para uma abertura dramática, a qual, por sorte, não entrou no mérito de o mago de São Judas Tadeu ter ou não existido e apenas aguçou a curiosidade sobre os atos que se seguiriam.

E então começou.

Bia observava a outra mulher pelo canto de olho a cada ato: acrobatas e trapezistas equilibrando-se uns nos outros, dando cambalhotas e fazendo movimentos absurdos em tecido; malabaristas jogando bolas e argolas e bambolês; comicos cantando músicas e puxando crianças da plateia para brincar; até um sujeito fazendo coisas insanas com algumas rampas e um monociclo. A cada apresentação, ela via a tensão no rosto de Luiza lentamente se suavizar, seus aplausos ficando mais enérgicos e seu sorriso, quando se virava para ela, mais genuíno.

Até que, ao fim de um ato, o sorriso morreu de repente. Luiza olhava para um ponto atrás dela.

Bia se virou para o pai ao mesmo tempo que o mestre de cerimônias anunciava a entrada do mágico.

Não sabia o que esperar, mas entendeu porque Luiza o tinha reconhecido à distância. O rosto, ainda que muito envelhecido, era inconfundível para alguém que tinha passado muito tempo encarando sua versão mais jovem em uma fotografia antiga. Para um homem tão doente quanto ela sabia que ele estava, não dava sinal disso exceto por uma aparência de fragilidade que podia ser atribuída à idade avançada. Segurava a bengala com firmeza. Suas roupas eram simples, mas elegantes. E a mente estava lúcida, isso se via de cara.

Lúcida, e provavelmente furiosa.

Bia ergueu a bolsa da cadeira ao seu lado, mas ele nem olhou para ela enquanto se sentava. Inclinou-se um pouco e falou com Luiza.

— Peguei os exames que você deixou na minha pousada. Não achei que fosse fazer uma besteira dessas, garota.

Bia se esticou para a frente antes que Luiza pudesse responder.

— Não foi ela que te chamou aqui — disse em voz baixa, enquanto ao redor as pessoas aplaudiam alguma coisa no picadeiro. — A tua conversa é comigo.

Ele enfim se dignou a olhar para ela, analisando-a por um longo momento.

— E o que tem você?

— Prazer em conhecê-lo também — ela disse, recostando-se na cadeira e dando um sorrisinho falso. — Tente não demonstrar *tanta* emoção.

Ele ergueu uma sobrancelha minimamente.

— Eu não devo nada a você.

— Acho que a legislação brasileira discordaria. — Agora ela sorriu de novo e, se alguém estivesse observando, provavelmente notaria uma mudança no sorriso. Havia um

toque de maldade ali que não prenunciava boas coisas para seu interlocutor.

— Acho que você está um pouco atrasada para receber pensão — desdenhou ele.

— É verdade. — Ela olhou para o picadeiro, onde o mágico, vestido em uma roupa espalhafatosa, fazia objetos aparecerem de uma cartola comicamente grande. — Estou falando, é claro, da minha herança quando você enfim bater as botas.

Ele não respondeu imediatamente. Suas mãos se apertaram um pouco sobre o castão da bengala à sua frente.

— Isso se você pudesse provar que é minha filha...

— O que eu farei o quanto antes. Quando voltar pra tua casa em... — e ela se inclinou e sussurrou o endereço completo dele no seu ouvido — ... talvez já encontre a notificação do processo. Tu pode ser o assunto da cidade, mas eu já estou bem mais naturalizada aqui. Os donos da tua pousada, a garçonete do restaurante onde tu comia, o dono da banca onde comprava o jornal... são todos *grandes* amigos meus. — E com um pouco de lábia, a disposição deles a fazer grossa, e algo que as más-línguas poderiam chamar de invasão de propriedade, ela tinha obtido tudo de que precisava para rastreá-lo.

Não precisou dizer nada. Pela expressão dele, tinha entendido.

— Eu jamais usaria esse poder para o mal, é claro — continuou Bia, em uma voz baixa, inclinando-se para mais perto. — Quero apenas o que é meu por direito. E estou disposta a aguardar sua morte antes de reivindicar esses direitos. Posso provar a paternidade por meio do seu irmão. — *Essa* tinha sido outra descoberta interessante. — A outra opção é... passar o resto da sua vida lidando com o processo. Também conheci um pessoal muito interessante aqui, interessado em magia. Eles têm uma comunidade vibrante,

sabia? Aposto que ficariam muito interessados em sua coleção. Mas, claro, você deve conhecer esse pessoal melhor que eu. — Ela fez uma pausa dramática. — Imagino que ficariam decepcionados de saber a verdadeira história por trás da sua fama. — Ela não tinha deixado de notar que essa ameaça era a que ele mais sentia. — Claro que tu pode evitar tudo isso. Mas, em troca da minha generosidade, vai me dar uma amostra da minha herança.

No picadeiro, o mágico lançou um tecido sobre uma caixa minúscula e, quando o tirou, uma mulher vestida em lantejoulas se ergueu para os aplausos da plateia.

A voz de Carlos Eduardo estava tensa como a corda de um violão.

— Amostra?

Ela apontou para a mão direita dele, reclinando-se para trás na cadeira e aplaudindo o truque também.

— Eu quero o anel. A aliança de Madalena.

Ela ouviu tanto Carlos Eduardo como Luiza inspirarem fundo. Luiza fincava as unhas na calça jeans, tão tensa que Bia precisou se controlar para não tomar a mão dela.

— Ela nunca foi de Madalena — ele praticamente rosnou.

— Acho que a gente poderia defender o direito por usucapião, mas sinceramente não me interessa o que tu acha. A oferta é essa. — Ela encolheu os ombros. — Até onde eu sei, as histórias de fantasia geralmente terminam com o anel do mago maligno sendo destruído, mas eu gostaria de guardar este aqui. Afinal, todos sabemos que tu não está usando ele pra nada.

No picadeiro, o mágico e suas assistentes enrolavam um sujeito e o faziam entrar na caixa. Bia suspeitava que estava prestes a ser cortado no meio.

Carlos Eduardo lentamente puxou o anel do dedo. Ela só virou a palma para cima e esperou, o coração batendo

violentamente.

Ele depositou o anel com cuidado — uma simples aliança dourada de casamento.

— Ah! — ela acrescentou, como se tivesse acabado de se lembrar, inclinando-se de novo. — Não preciso nem dizer que, se tentar atrapalhar a vida da Luiza de qualquer forma, no dia seguinte tudo que eu disse vai acontecer, né?

— Eu não tenho interesse na sua amiguinha — ele disse friamente. — Adeus.

Então se levantou e, sem dizer mais nada, se afastou pelo corredor.

Houve um momento em que nenhuma das duas falou e Bia só ficou olhando a aliança em sua mão. Havia uma data gravada na parte de dentro, muito, muito mais antiga que ela, Luiza e Carlos Eduardo juntos. Ela se perguntou quem teria usado o anel e como ele teria ganhado suas propriedades mágicas. Oscar disse que a repetição deixava marcas; será que sua dona tinha cuidado de alguém por muito tempo? Provavelmente eram perguntas para as quais nunca teria resposta.

Quando o pai tinha se afastado o suficiente, ela soltou um suspiro demorado.

— Puta merda, não acredito que funcionou.

Luiza lhe deu uma cotovelada quando ela começou a rir, os olhos faiscando.

— Você perdeu o juízo?

Bia não conseguia parar de rir e cobriu boca quando as risadas começaram a atrair olhares ao redor, uma vez que, no picadeiro, o cara tinha realmente sido cortado ao meio.

— Estava com medo que ele fosse insistir contigo pra tentar a cura — disse ela finalmente.

— Deixei um bilhete na pousada, junto com os exames dele, explicando que eu não tenho o poder da minha mãe — explicou Luiza. — Ele sabe que seria inútil insistir comigo.

E acho que, se veio pra cá pra começo de conversa, é porque já tentou todas as outras opções possíveis, entre os seus conhecidos que lidam com... essas coisas. — Ela soltou o ar. — Meu Deus, não acredito.

Bia estendeu a palma para ela.

— Pegue. É a *tua* herança, afinal.

— Minha *herança*? — Luiza a olhou, chocada. — Eu nem saberia o que fazer com isso.

— Não precisa *fazer* nada. — Ela revirou os olhos. — Eu pedi a aliança pra tu ficar com ela. Óbvio.

— Mas...

— Era da tua mãe, não importa o que ele diga. — Ela olhou para a outra, esperando que entendesse seu olhar. — Vai, deixa de ser teimosa.

Luiza bufou baixinho, mas tomou o anel com cuidado, girando-o na mão. Então, muito devagar, parecendo segurar o fôlego, inseriu-o no dedo anelar da mão esquerda. Bia teve a impressão que coube perfeitamente, embora o dedo de Carlos Eduardo fosse nitidamente maior.

— Não sinto nada diferente — murmurou Luiza.

— Talvez seja como com o rádio. Uma hora tu vai descobrir o que fazer. Ou talvez seja só um anel mesmo, mas ainda prefiro que esteja contigo do que com ele.

— Eu também. Você vai mesmo atrás do irmão dele?

— Quê? Claro que não. — Ela riu. — Já até abri o processo, quando ele voltar pra mansãozinha dele vai ser notificado. Quero garantir meus direitos enquanto ele estiver vivo.

Luiza riu.

— Essa é a Bia que eu conheço.

— Não ache que eu quero ficar rica nem nada assim — disse ela depressa, de repente ansiosa para se justificar. — Só quero garantir que minha mãe passe o resto de vida confortável, sem ter que se preocupar e recebendo os

cuidados que ela precisa. Quanto à coleção do meu pai, vou dar todas aquelas coisas para o professor. Com certeza ele deve saber o que fazer com elas, quem pode aproveitar ou quem quer comprar. Acho que ele vai gostar, né?

— Acho que sim. E... — Luiza demorou para terminar a pergunta. — E o que você pretende fazer? Agora que... resolvemos as coisas?

Só agora ela percebeu que as pessoas estavam se levantando com o final do espetáculo; um burburinho de vozes as cercava. As duas continuaram lá dentro, vendo a movimentação, nenhuma fazendo menção de se erguer.

— Bem... — *Dane-se*. Ela nunca tivera medo de arriscar, e não pretendia começar agora. E, se estava suando, ninguém precisava saber. Virou-se para Luiza e a olhou de frente. — O Comitê de Turismo ainda precisa de mim. E tu ainda tem medo do escuro.

A maioria das pessoas já tinha saído. Pelo canto do olho, ela viu Rogério e a esposa se aproximando da primeira fileira, acenando alegremente e chamando as duas. Bia torceu para eles andarem bem devagar. Luiza a fitou por um momento impossivelmente longo e torturante, mas então um sorriso se abriu em seu rosto, e o nó na garganta dela se desfez.

— Sabe — disse Luiza —, se as pessoas me virem com uma aliança no dedo, vão começar a fofocar.

Ela concordou com um *hmm* alongado.

— Morando com uma mulher antes do casamento... Dona Livia vai ter uma síncope. Tu não pensa mesmo na reputação da cidade.

Luiza parecia apertar os lábios num esforço para não abrir num sorriso. *Teimosa*. Podia facilitar as coisas para ela, né? Mas não. Aquela ali não dava o braço a torcer.

E ela gostava disso.

Antes que os outros dois as alcançassem, pegou a mão de Luiza e entrelaçou os dedos nos dela.

— Que tal chocar os são judaneses mais uma vez?

— Eu adoraria — veio a resposta, acompanhada de um aperto forte.

...

Ela abriu a porta da casa.

Havia sinais de vida onde quer que olhasse. Uma bolsa jogada no sofá, sapatos que não eram seus ao lado da escada, um segundo molho de chaves logo ao lado da porta. Na cozinha, mais tarde, encontraria um recado carinhoso na porta da geladeira.

Fechou a porta e respirou fundo.

Só não havia magia, não daquele tipo que, um dia, fora uma parte constante da sua vida. Mas tudo bem. Ela sabia melhor do que ninguém que certas etapas da vida às vezes acabavam, por bem ou por mal.

Pela janela aberta, uma brisa suave inflou as cortinas e percorreu a casa, tocando os móveis, as paredes, os objetos e a mulher, soprando a poeira de tudo.

Agradecimentos.

Essa novela só existe graças à minha editora Anna Martino, que viu potencial na primeira versão e teve que lidar com a autora reescrevendo-a do zero (e não parando de editar nunca!). Agradeço a ela pela confiança, o profissionalismo e o entusiasmo por esses personagens. Também devo um enorme agradecimento a Giovana Bomentre, a primeira leitora dessa história, cujas reações e sugestões são sempre uma grande ajuda e incentivo para mim.

Sou grata ao Sol Coelho pela preparação e a Germana Viana pela capa lindíssima, assim como a minha querida amiga Beatriz Dinis por emprestar seu nome à minha chantagista e pela consultoria sobre a sua terra.

Preciso agradecer a meu pai e irmã por sempre apoiarem minhas aventuras literárias; a Bárbara Prince, Isabela Norberto, Juliana Cividanes e Márcia Oliveira pela amizade constante; a Cláudia Fusco por todas as aulas sobre magia, narrativas, heróis e heroínas que me inspiram toda vez que sento para escrever; e a Daniel Lameira por sempre fazer a pergunta importante (cadê o livro?).

Por fim, sou grata a todos que me deixaram usar parte do seu nome de usuário no Twitter: infelizmente não tive espaço para todo mundo, mas aprecio muito a animação de vocês! E, acima de tudo, gostaria de deixar um agradecimento especial a todos que leram, avaliaram e recomendaram *A feiticeira de São Judas Tadeu dos Milagres*,

especialmente a equipe do Sem Spoiler pela divulgação — essas histórias não teriam chegado em tanta gente sem o entusiasmo de todos vocês. Essa não é exatamente a sequência que pediram, mas espero que tenham gostado.

Sobre Isa Prospero.

Isa Prospero nasceu em Piracicaba e mora em São Paulo, onde traduz, revisa e acumula livros. Apaixonada por clássicos, fanfic e fantasias que começam com mapas, suas histórias de ficção especulativa já apareceram em revistas e antologias como *Trasgo*, *Superinteressante*, *Mafagafo*, *Pretérta*, *Mitografias*, *Crônicas da Unifenda* e *Strange Horizons*. Seu conto “A feiticeira de São Judas Tadeu dos Milagres” foi finalista do Prêmio Argos de Literatura Fantástica de 2020. Para conhecer suas obras e portfólio, visite o site isapropero.com.



A casa de vidro

Martino, Anna Fagundes

9786587759029

78 páginas

[Compre agora e leia](#)

Flores não crescem do nada - ou crescem? Para Eleanor, era o mistério que não conseguia responder: qual era o truque daquele jardineiro contratado para cuidar da estufa em sua casa e que

transformara o lugar em uma floresta imaginária. Sebastian, o tal estranho, parece um homem como qualquer outro - exceto pelas perguntas desconcertantes que faz, ou pelo fato de que as plantas obedecem seus comandos de maneira muito intrigante...

[Compre agora e leia](#)



Lágrimas de Carne

Castro, Fernanda

9786587759098

35 páginas

[Compre agora e leia](#)

VENCEDOR DO PRÊMIO ODISSEIA DE LITERATURA
FANTÁSTICA 2021 - CATEGORIA "NARRATIVA CURTA DE
FANTASIA"

As obrigações de uma carpideira vão além de prantear os mortos. É preciso purificar pecados, libertar mágoas, guiar a alma até a beira do mundo — um trabalho proscrito e desgastante. Para contornar isso, uma carpideira manipula seus filhos adotivos: Suindara, a quase-mulher quase-coruja; e Carcará, o quase-homem quase-falcão — gêmeos de forças opostas, tanto em aparência quanto em princípios. Mais eis que surge uma alma que a garganta carniceira de Carcará simplesmente não consegue digerir — e a relação conturbada entre mãe e filhos é colocada à prova quando a minúscula cidade agreste de Serrita vivencia uma febre do ouro.

[Compre agora e leia](#)



Farol da Névoa

Alvares, Karen
9786587759142
40 páginas

[Compre agora e leia](#)

Memórias funcionam de um jeito engraçado...

Alessa nunca desejou voltar para sua terra natal, Farol da Barra Pequena. No entanto, é para lá que ela retorna, após receber uma carta de sua mãe implorando por ajuda.

A pequena cidade litorânea parece devastada, completamente tomada pela neblina... E por onde ela vai, Alessa encontra as bonecas de pano que sua mãe fazia, representando pessoas e situações que desejava esquecer.

Para enfrentar a monstruosidade que tomou conta de Farol da Barra Pequena, Alessa vai precisar se recordar do que aconteceu em sua infância e adolescência. Mas as memórias nem sempre trabalham a nosso favor...

[Compre agora e leia](#)



Bem Mal Me Quer

Pueyo, H.
9786587759159
40 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seja ousada, seja ousada...

Eficiência e discrição são qualidades obrigatórias para trabalhar na

Casa Caprichosa. Afinal, ninguém quer ser a próxima vítima da proprietária, Anatema — uma gigantesca criatura aracnídea com gosto por láudano e por noivinhas humanas (que sempre encontram fim trágico na residência...)

A antiga guarda-chaves da residência acaba de ser morta e deglutida por Anatema. E cabe a Dália, a nova contratada, descobrir porque isso aconteceu — do contrário, ela terá o mesmo destino. Só que esse não é o único mistério irresistível dentro da Casa Caprichosa... E quando os monstros são vistos de perto, eles podem se revelar bem mais interessantes do que imaginamos...

[Compre agora e leia](#)



A Outra Máquina

Moreira, Márcio

9786587759166

40 páginas

[Compre agora e leia](#)

Márcio Moreira entrega prosa como quem dança com a pessoa amada: dois pra lá, dois pra cá, na precisão científica do compasso, no soar desembestado do coração. -- Fernanda Castro, autora de "O Fantasma de Cora" e "Lágrimas de Carne"

A esposa do Cientista o deixou, mas ele não sabe bem como sofrer (e olha que ele sabe muita coisa). Então, ele decide construir uma Máquina do Tempo para resolver a questão, pois não é Ele que cura todas as dores?

No entanto, o Tempo não pretende facilitar a situação, e faz o Cientista seguir numa jornada de descobertas, do início dos dias ao fim do mundo. E nessa viagem, o cientista experimenta a mecânica dos desacontecimentos, a arqueologia dos desejos e a magia do Magnífico Bizu, tudo para responder a maior questão de todas: como desatar o nó de seu destino com a linha da vida de sua amada.

[Compre agora e leia](#)